

Biblioteca da Universidade de Coimbra

BOLETIM

DOS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Publicado em harmonia com o art. 73.º do decreto n.º 5:736)

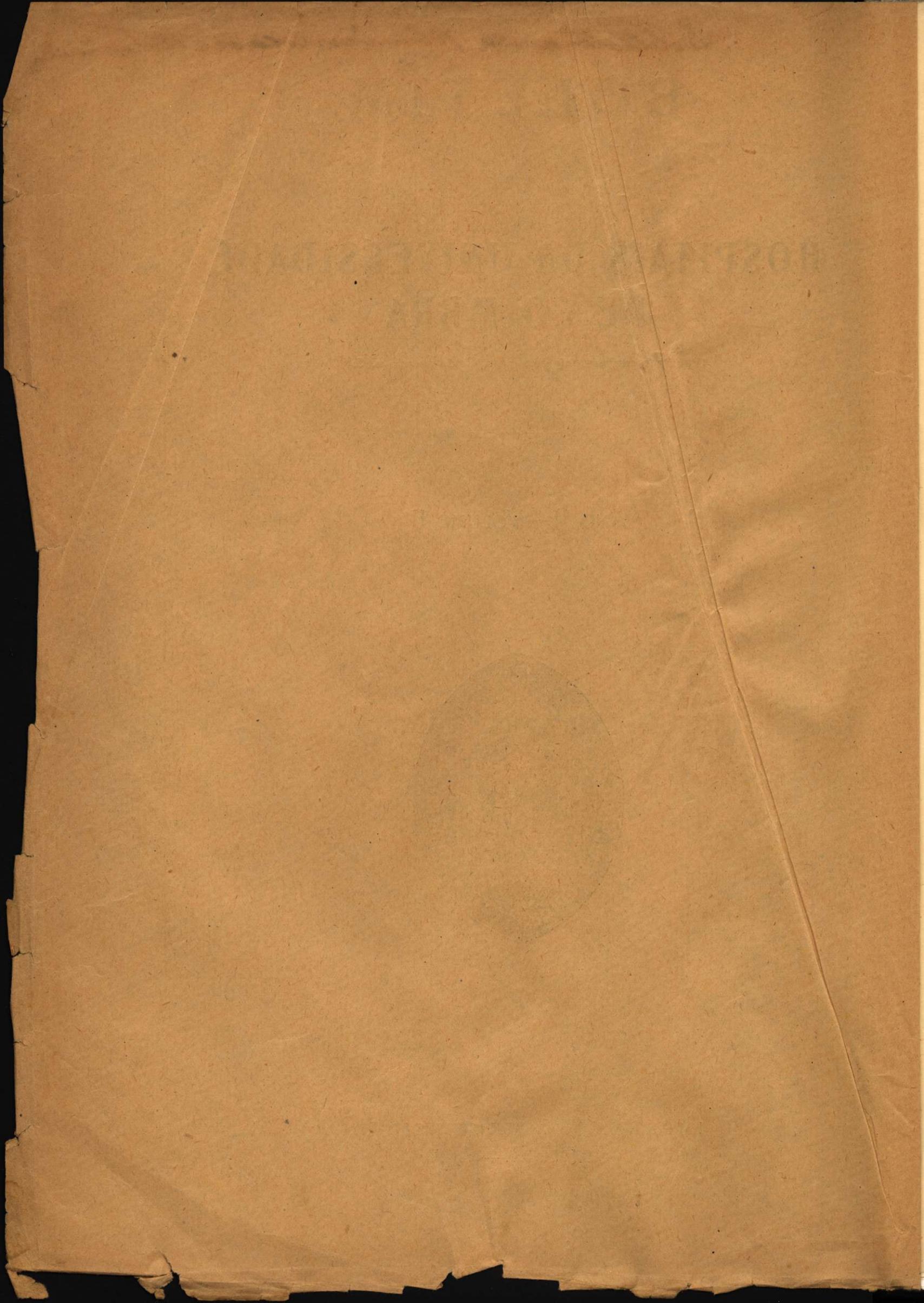
ANO II—VOLUME II



10
1
24
31

Ignor

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1931



BOLETIM

DOS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Publicado em harmonia com o art. 73.º do decreto n.º 5:736)

10

1

24

31

ANO II—VOLUME II



IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1931

BOLETIM

1902

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Publicado em harmonia com o art. 73.º do decreto n.º 5736)

VOLUME II

Este Boletim foi organizado, em conformidade com o artigo 73.º do Decreto n.º 5736, pelo Chefe da Secretaria dos Hospitais da Universidade Coimbra.



IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1902



PROF. DR. ANGELO DA FONSECA DIRECTOR SUBSTITUTO, EM EXERCÍCIO,
DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O advento da República veio trazer para os Hospitais da Universidade de Coimbra um novo período de progressos científicos, pedagógicos, materiais e, por sua vez, de

ADMINISTRADORES E DIRECTORES DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

As novas administrações, cujos nomes vão referidos na folha seguinte, procuraram, a um tempo, acompanhar os progressos do ensino médico-cirúrgico e realizar a alta e benemerente missão que incumbia a estabelecimentos desta natureza.

Dal a renovação, quasi diária, dos seus serviços e das suas instalações; a constante

Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca. (Posse em 4 de Fevereiro de 1910.)

Prof. Dr. Filomeno da Camara Melo Cabral. (Posse em 25 Agôsto de 1911.)

Prof. Dr. Luís dos Santos Viegas. (Posse em 13 de Março de 1916.)

Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, Director substituto. (Posse em 1 de Julho de 1919.)

Prof. Dr. João Duarte de Oliveira. (Posse em 2 de Janeiro de 1920.)

Prof. Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro. (Posse em 18 de Abril de 1925.)

Prof. Dr. Alvaro Fernando de Novais e Sousa. (Posse em 31 de Julho de 1926.)

A sua promulgação transformou a forma mais absoluta e radical os serviços hospitalares.

Os Hospitais da Universidade de Coimbra ficaram a ser, desde então, o mais completo campo experimental da sciencia medico-cirurgica.

Julgamos que atingiu inteiramente o seu ponto de vista, como se verá de consulta dos varios mapas adiante publicados.

A transformação completa que se tem operado na vida de todos os povos criou a necessidade de actualizar, pelo menos, aquela reforma que tanta impulsionara já os serviços hospitalares.

Novas condições sociais, outros processos economicos, o súbito progresso de tantos factores da vida de então, aconselhavam uma remodelação do diploma que, a manter-se quanto à sua parte administrativa, inutilizaria todas as iniciativas de desenvolvimento destes Hospitais e afastaria d'elles os seus melhores servidores.

Dal também a promulgação do Decreto n.º 5786, de 10 de Maio de 1919.

Com esta reorganização dos seus serviços ficaram assegurados os progressos scientificos e materiais que vinham sendo registados, e os Hospitais da Universidade de Coimbra puderam manter intactos os quadros do seu pessoal, e até mesmo chamar para as suas diversas secções os elementos de que careciam.

Esse Decreto, conservando as características do que por elle foi revogado — o mesmo

ADMINISTRADORES E DIRECTORES DOS HOSPITAIS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

- Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca (Posse em 1 de Fevereiro de 1910.)
Prof. Dr. Filomeno da Cunha e Silva (Posse em 12 de Junho de 1911.)
Prof. Dr. Luis dos Santos Viana (Posse em 13 de Junho de 1912.)
Prof. Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, Director substituto (Posse em 1 de Julho de 1913.)
Prof. Dr. João Duarte de Oliveira (Posse em 2 de Janeiro de 1920.)
Prof. Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro (Posse em 12 de Abril de 1925.)
Prof. Dr. Alvaro Fernando de Noronha e Sousa (Posse em 21 de Junho de 1926.)

PROF. DR. ANGELO DA FONSECA DIRECTOR SUBSTITUTO, EM EXERCICIO,
DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

elo com a Faculdade de Medicina, a mesma acção científica e fiscalizadora — e de mais larga e vasta acção, de uma completa providência para os serviços hospitalares. Pelo Decreto n.º 5736, além do desenvolvimento de serviços já estabelecidos, foram criadas as consultas externas, que têm prestado alto e valioso serviço à assistência pública e ao ensino, como o referem os números do mapa n.º I, adiante publicado.

Organizar a Escola de Enfermagem, destinada a habilitação do pessoal técnico hospitalar. A frequência desta Escola é a prova completa do extraordinário serviço prestado com a sua criação, pois não só prepara com o maior rigor técnico aqueles que procuram ingressar no quadro do pessoal hospitalar, mas também facilita a muitos os meios de

O advento da República veio trazer para os Hospitais da Universidade de Coimbra um novo período de progressos científicos, pedagógicos, materiais e, por sua vez, de largos benefícios para a assistência pública. As novas administrações, a que presidiram os ilustres professores cujos nomes vão referidos na fôlha anterior, orientadas desde aquela data por outras directrizes, procuraram, a um tempo, acompanhar os progressos do ensino médico-cirúrgico e realizar a alta e benemerente missão que incumbe a estabelecimentos desta natureza.

Daí a renovação, quasi diária, dos seus serviços e das suas instalações; a constante reedificação de velhos edifícios; o acrescentamento de outros; a montagem de máquinas e aparelhos para fins industriais e científicos; a transformação das enfermarias para melhor conforto dos hospitalizados; a modificação da tabela de dietas; finalmente, o aperfeiçoamento das fórmulas comerciais e burocráticas da sua parte administrativa.

É todo este conjunto de iniciativas e medidas que tem tornado os Hospitais da Universidade de Coimbra num estabelecimento público fazendo honra à Faculdade de Medicina, que nele exerce a sua maior actividade científica e pedagógica, e prestigiando os serviços da Assistência Pública do nosso país.

Foi também sob o patrocínio de Ex.^{ma} Prof. Dr. Angelo da Fonseca, devido ao seu inextinguível interesse pelos serviços hospitalares e aos seus incansáveis esforços, que foi Com o Decreto de 27 de Abril de 1911 iniciou-se uma nova era para a vida administrativa dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

O *Estatuto* que este diploma veio remodelar remota a 1870.

A sua promulgação transformou da forma mais absoluta e radical os serviços hospitalares.

Os Hospitais da Universidade de Coimbra ficaram a ser, desde então, o mais completo campo experimental da ciência médico-cirúrgica.

Julgamos que atingiu inteiramente o seu ponto de vista, como se verá da consulta dos vários mapas adiante publicados.

A transformação completa que se tem operado na vida de todos os povos criou a necessidade de actualizar, pelo menos, aquela reforma que tanto impulsionára já os serviços hospitalares.

Novas condições sociais, outros processos económicos, o súbito progresso de tantos factores da vida de então, aconselhavam uma remodelação do diploma que, a manter-se quanto à sua parte administrativa, inutilizaria tôdas as iniciativas de desenvolvimento destes Hospitais e afastaria deles os seus melhores servidores.

Daí também a promulgação do Decreto n.º 5736, de 10 de Maio de 1919.

Com esta reorganização dos seus serviços ficaram assegurados os progressos científicos e materiais que vinham sendo registados, e os Hospitais da Universidade de Coimbra puderam manter intactos os quadros do seu pessoal, e até mesmo chamar para as suas diversas secções os elementos de que careciam.

Esse Decreto, conservando as características do que por elle foi revogado — o mesmo

elo com a Faculdade de Medicina, a mesma acção científica e fiscalizadora — é de mais larga e vasta acção, de uma completa providência para os serviços hospitalares.

Pelo Decreto n.º 5736, além do desenvolvimento de serviços já estabelecidos, foram criadas as consultas externas, que têm prestado alto e valioso serviço à assistência pública e ao ensino, como o referem os números do mapa n.º 1, adiante publicado.

Organizou a Escola de Enfermagem, destinada a habilitação do pessoal técnico hospitalar.

A frequência desta Escola é a prova completa do extraordinário serviço prestado com a sua criação, pois não só prepara com o maior rigor técnico aqueles que procuram ingressar no quadro do pessoal hospitalar, mas também facilitou a muitos os meios de poderem colocar-se em vários estabelecimentos de assistência, muito especialmente nos quadros de enfermagem do ultramar e dos navios da marinha mercante.

O mapa n.º 2, que a seguir se publica, mostra o desenvolvimento desta Escola.

Criou ainda o referido Decreto, por intermédio da Secção do Registo de Admissão de Doentes, os serviços de Estatística, que puderam converter em realidade a feitura deste Boletim.

E organizou a Secção dos Serviços Industriais, à qual pertencem os serviços: a) Máquinas, caldeiras e canalizações; b) Eletricidade; c) Obras e Jardins.

Os dois primeiros serviços, dotados com os maquinismos precisos para realização dos fins para que foram criados, constituem um dos mais importantes progressos hospitalares.

Com este mesmo diploma foi possível fazer subir a receita dos Hospitais, visto as disposições dele permitirem que seja pedido às Câmaras Municipais o pagamento da despesa com a hospitalização dos seus doentes e que seja cobrado aos doentes pensionistas o que também representa a despesa diária com o seu tratamento.

As sucessivas alterações das taxas diárias de hospitalização dos doentes pensionistas constam da vária legislação hospitalar publicada neste Boletim.

Foi também sob o patrocínio do Ex.^{mo} Prof. Dr. Angelo da Fonseca, devido ao seu inextinguível interesse pelos serviços hospitalares e aos seus incansáveis esforços, que foi feita a promulgação deste Decreto, tão oportuno quanto valioso para a acção e progresso dos Hospitais da Universidade de Coimbra e para a conservação, pela melhoria de situação, de muitos dos seus funcionários.

*

A-pesar dos dois diplomas que ficam referidos constituem as bases de toda a organização hospitalar, outros vieram reforçar o muito que eles já representam:

O Decreto n.º 1521, instalando o Balneário, melhoramento de indiscutível valor terapêutico e higiênico.

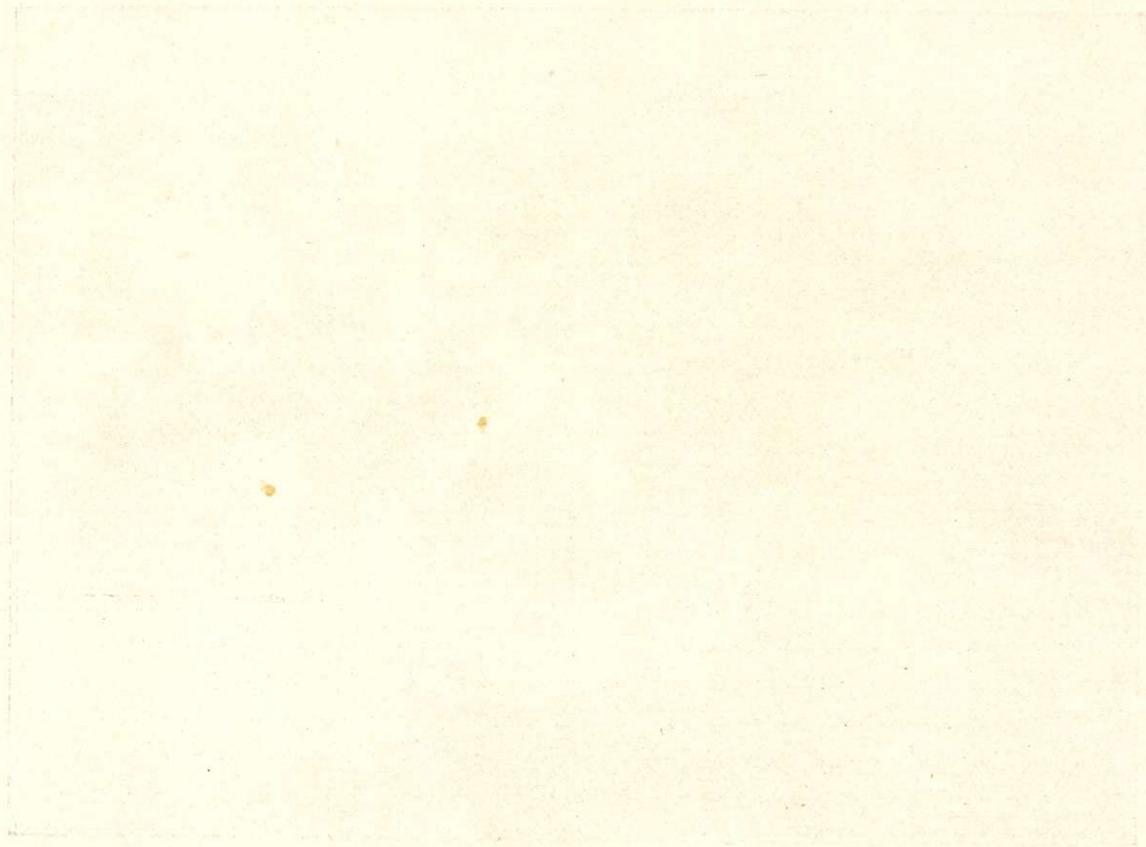
O Decreto n.º 8484, criando um Armazem Geral, destinado à aquisição de todos os fornecimentos para estes Hospitais e sem que tal serviço representasse encargo para o Estado.

O Decreto n.º 8606, que estabeleceu a Comissão Autónoma administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, por intermédio da qual se tem realizado e estão realizando algumas das obras mais importantes deste estabelecimento.

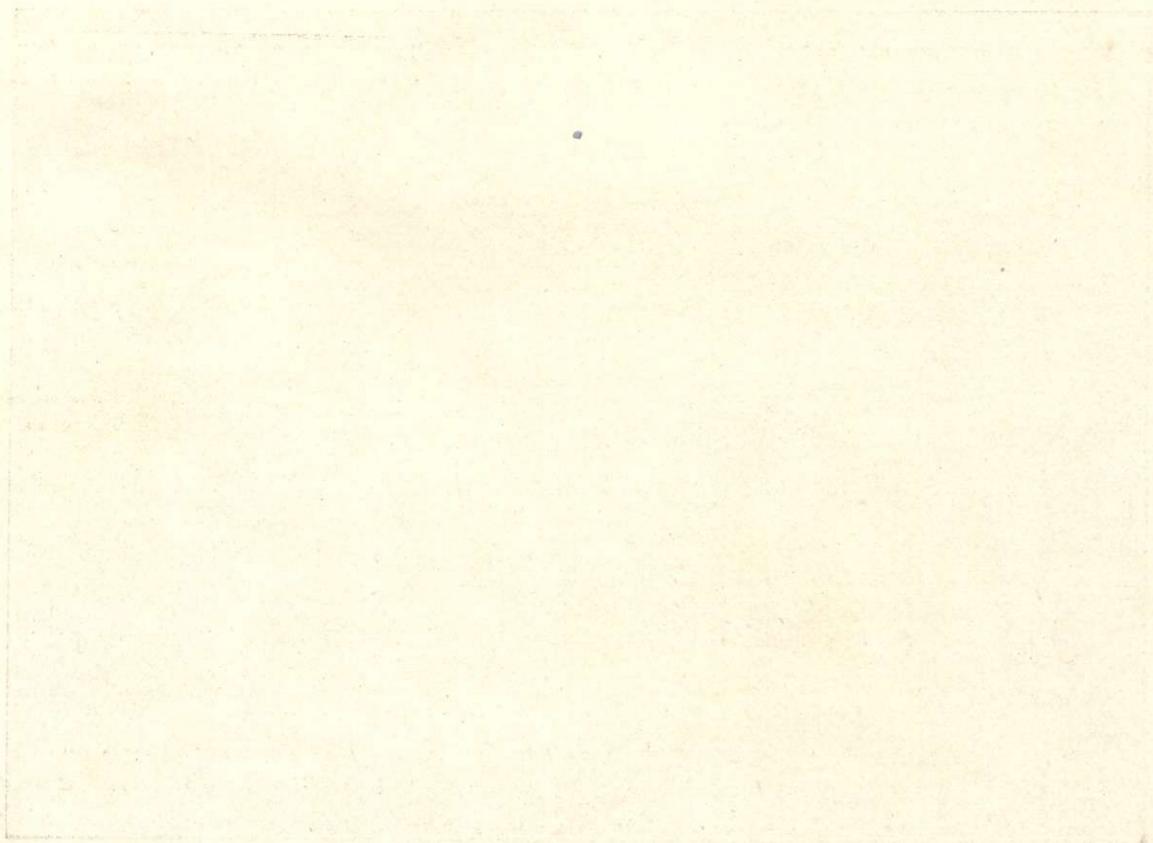
A constituição e atribuições dessa Comissão, reguladas por este diploma, tornaram-na dependente do Ministério do Comércio, o qual todos os anos económicos tem incluído nos seus orçamentos a verba necessária à execução das obras que constituem um dos maiores melhoramentos hospitalares.

O seu Presidente, Ex.^{mo} Prof. Dr. Angelo da Fonseca, que solicitou a publicação desse Decreto e tem conseguido manter anualmente a respectiva verba para obras, fez organizar pelo respectivo Secretário o mapa n.º 3 que acompanha esta publicação.

Finalmente, o Decreto n.º 16689 instituindo o Economato, que é hoje uma das Secções mais importantes deste estabelecimento de assistência e ensino.



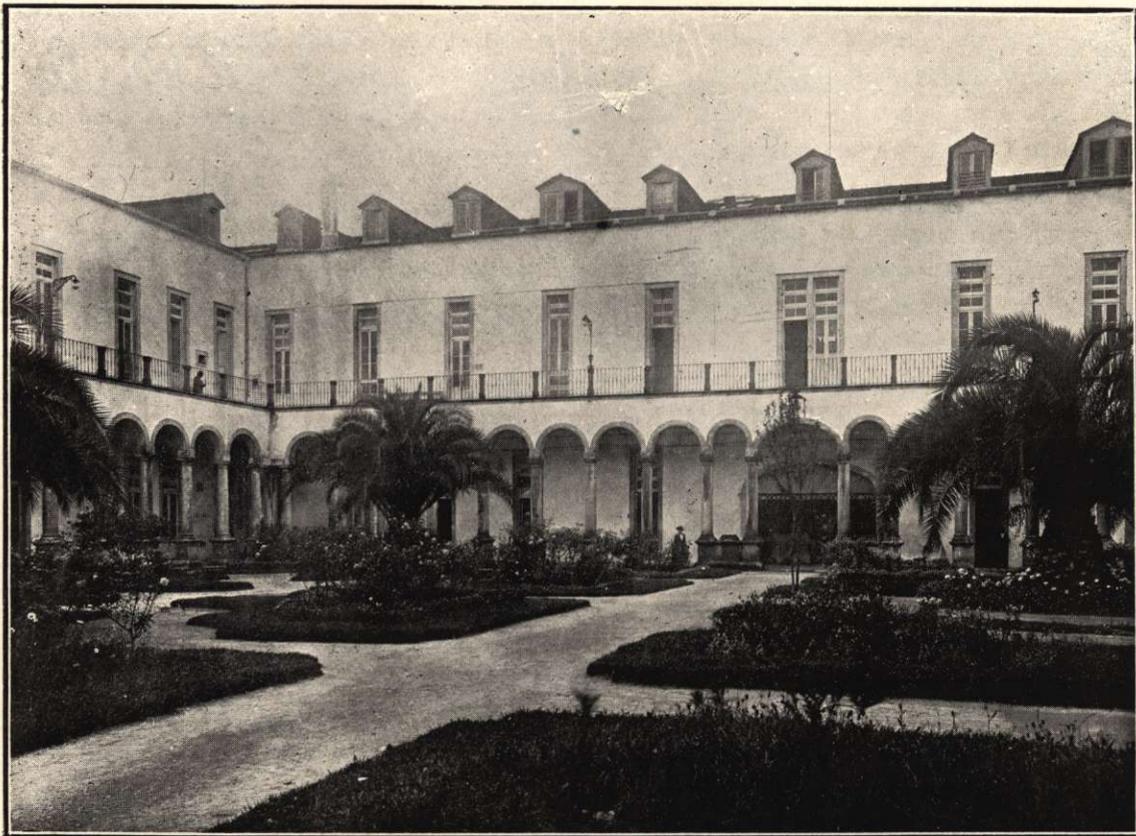
THE UNIVERSITY OF CHICAGO



PHOTOGRAPHED BY THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS



H. U. C. — PORTARIA GERAL



H. U. C. — PÁTIO DO COLÉGIO DAS ARTES E ENTRADAS PARA AS ENFERMIARIAS GERAIS DE CIRURGIA E MEDICINA

Diz-se nos primeiros períodos que o advento da República trouxe uma nova era para os Hospitais da Universidade de Coimbra.

É o momento de justificar estas palavras, bastando para isso ler adiante, no mapa respectivo, o registo de subsídios concedidos pelos diversos Governos, desde o ano económico de 1911-1912, aumentos de dotação, subsídios extraordinários (mapa n.º 4).

Sem êsse auxílio, é evidente, não poderiam ser realidade tantos dos melhoramentos que refundiram quasi completamente os velhos edificios do Colégio das Artes, de S. Jerónimo e dos Lázaros.

E, sobretudo, não seriam um facto as magnificas instalações de serviços clínicos, as cozinhas, as máquinas, o arsenal cirúrgico, etc.

Não seria possível a manutenção de tantos doentes, a sua farta alimentação, o bragal magnífico e o pronto aviamento de tôdas as drogas e medicamentos.

Só assim os Hospitais da Universidade de Coimbra podem realizar no centro do País a sua missão e servir a assistência pública, descongestionando os outros Hospitais, os de Misericórdias e, especialmente, os de Lisboa e Pôrto, como o demonstram os números do mapa n.º 5.

Serve ainda a publicação da nota de verbas extraordinárias para provar como os Governos da República têm acarinhado sempre esta intuição de ensino e assistência com os subsídios autorizados para manutenção dos seus serviços, a rogos insistentes dos seus Directores e com a valiosa cooperação do prestígio pessoal e altos méritos do Ex.^{mo} Prof. Dr. Ângelo da Fonseca.

É a concessão destes subsídios por alguns dos vários titulares das pastas do Interior, Trabalho e Finanças que vêm liquidar a situação angustiosa aos déficits de anos económicos, permitindo também que se mantenha em constante subida a lotação de doentes hospitalizados, como se vê do mapa n.º 6.

Para se dar melhor apreço aos melhoramentos levados a efeito nestes Hospitais e ficar-se conhecendo com rigor a aplicação dalgumas das verbas orçamentais, passamos para aqui, por cópia, e para exemplo, um officio presente ao Ex.^{mo} Director Geral da Assitência, onde é feita pelo Ex.^{mo} Director substituto, em exercício, Prof. Dr. Ângelo da Fonseca, a justificação das despesas durante a gerência relativa a um dos anos económicos e no qual se regista maior número de melhoramentos e progressos hospitalares:

«Prestadas as contas ao Conselho Superior de Finanças, relativas à gerência do ano económico de 1927-28, como determina o n.º 15 do artigo 3.º do Decreto n.º 5736, venho apresentar a V. Ex.^a, muito resumidamente e em face da mesma conta de gerência, quais foram as receitas ordinárias e extraordinárias arrecadadas e a sua respectiva aplicação.

«As receitas próprias dos Hospitais que no ano económico de 1926-27 renderam 867.455\$94, atingiram no seguinte ano económico a cifra de 905.544\$84, havendo a adicionar a esta soma as dívidas activas, já cobradas até esta data, na quantia de 43.832\$00, ou seja um total de 849.376\$84, o que representa um excedente de receitas em relação ao ano económico anterior de 81.820\$54.

«Mercê da generosa protecção do actual Governo consegui que o subsídio ordinário do Tesouro, que fôra de 1.260 contos, no ano económico de 1926-27, fôsse elevado para 2.500 contos no ano económico de 1927-28, conseguindo ainda neste ano económico de 1927-28 um subsídio extraordinário de 202.333\$35, para suprimimento do déficit da gerência do ano anterior.

As despesas de materiais, como se verifica na citada conta da gerência de 1927-28, dão o total de 3343.036\$72.

Permita-me V. Ex.^a que neste trabalho de síntese, que me proponho fazer, ponha de lado as verbas orçamentais de consumo para a manutenção da população enferma, tais como, *Dietas, Drogas, medicamentos, algodão e gaze, Combustível e Rouparia*, cujas cifras ascendem nestas quatro verbas a um milhar e meio de contos, a fim de que possa chamar a atenção de V. Ex.^a muito particularmente para o modo como foram cuidados e desenvolvidos os serviços hospitalares nas suas diversas secções durante o citado ano económico de 1927-28.

Os Hospitais estavam desprovidos de mobiliário e o pouco que existia era antiquado e de mau aspecto. Procedi à sua completa reforma e uniformização, comprando, mediante concurso público, 300 camas de ferro, com colchão de arame, de tipo hospitalar, na importância Esc. 84.250\$00 e mais 200 cadeiras e 49 bancos de encôsto, em ferro e macaúba, para as enfermarias, corredores e portaria, na importância de 17.277\$80.

Terminei com a aparência desagradável que apresentava a promiscuidade de fatos e vestidos, que eram pertença dos doentes, comprando, também em concurso público, 727 fardamentos de tipo hospitalar, de fácil lavagem e desinfecção, por 68.575\$00 e mais 432 pares de calçado próprio, pela quantia de 13.633\$50.

Comprei 3 máquinas e seus acessórios para o desenvolvimento dos serviços da carpintaria e marcenaria, na totalidade de 22.223\$50; um grande tórno mecânico e barras de aço, para reforço das ferramentas da secção de máquinas, por 13.498\$15; 2 elevadores eléctricos, sendo um da carga de 250 quilos, para a condução das dietas, e outro de 60 quilos para a condução de materiais cirúrgicos, pensos, etc., por francos franceses 38.220. — Comprei 2 autoclaves, em aço, e seus reservatórios, em cobre, por francos franceses 9.820; 6 aspiradores, 6 enceradores, e 6 esterilizadores eléctricos, por 15.402\$55; 3 motores eléctricos e um transformador por 8.307\$00; 20 plafoniers e 11 aparelhos telefónicos por 5.274\$00; em matérias de construção dispenderam-se 178.814\$20, incluindo nesta cifra uma soma avultada em ladrilhos e azulejos para pavimentos e lambris das enfermarias e corredores; na reconstrução de uma parcela do Hospital dos Lázaros, incluindo o dispensário aos tuberculosos, gastaram-se 58.664\$61; na construção de um cano de esgôto em alvenaria e cimento 39.999\$82; na instalação da Roentgenterapia profunda, francos franceses 200.122,10 e 39 contos para a adaptação da sala que lhe é destinada, a qual será forrada a chumbo de onze milímetros de espessura; os maquinismos da Lavandaria a vapor custaram francos franceses 110.210 e 7.188\$12; a caldeira de vapor de alta pressão para fornecimento de *chaufage* a todos os edificios e força motriz, com a superfície de 120 metros quadrados, custou £ 1048.10.0; a ampliação e reforma dos maquinismos da cozinha a vapor, Rmks 14.036 e uma camionete Rochet Schneider, de 3 e meia toneladas de carga, 32.864\$34.

Transformei as salas de operações nos dois serviços — homens e mulheres, de modo a satisfazerem aos requisitos modernos, dotando-as de bons anfiteatros, em ferro, que permitem a assistência de cursos de alunos em número elevado, sem o menor risco para o doente.

Instalei uma central de esterilização em local apropriado, como serviço autónomo, munida de ascensores que servem simultaneamente o arsenal e as casas de operações, e reformei, em vasta quantidade o bragal da rouparia.

Dentro de dois ou três meses ficará completa a instalação da Lavandaria a vapor, cujos maquinismos eu verifiquei muito minuciosamente em Paris, na casa construtora.

Neste edificio, destinado à Lavandaria a vapor vão ser instalados no rés do chão as oficinas de carpintaria, marcenaria, serralharia e pintura; no primeiro andar a Lavandaria a vapor, no segundo, o Armazém Geral e no terceiro andar a Farmácia e o Laboratório.

Como acabo de mencionar, apenas dou um resumo do que foi a minha acção na Direcção dos Hospitais da Universidade de Coimbra durante o ano económico de 1927-28 porque,

outro modo, teria de citar as cifras dispendidas, como seqüência, das instalações e reformas dos diversos aparelhos e maquinismos adquiridos, extensão da rêde de aquecimento e de electricidade, compra de tanques em ferro e cimento armado, para receber as águas pluviais, e a respectiva rêde de canalização, a instalação da nova Secretaria, seu arquivo e mobiliário, a construção e modificação de pequenas dependências, que são, por assim dizer, pequenos edificios agregados às diversas secções e enfermarias, a aquisição de carros para viveres, carros-macas, étagères de ferro com tampa de lava esmaltada, etc.

Reformei e reforcei o arsenal cirúrgico com valioso material vindo das casas Collin, Gentile, Guyot, Drapier, etc.

Estão quási concluídas, no Hospital dos Lázaros, as instalações do Dispensário Anti-Tuberculoso que presentemente funciona junto da Clínica médica, sob a direcção do illustríssimo Professor Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho e que tão enorme, concorrência tem tido, prestando altos serviços a Coimbra.

Continuando a merecer a benévola confiança e o auxílio que me tem dispensado o Govêrno da República e a Faculdade de Medicina, projecto realizado dentro do ano económico corrente os seguintes melhoramentos, cujas despesas se encontram já incluídas em orçamento ordinário e suplementar; a saber: complemento da instalação de Roentgentherapia profunda, todo o material para o rádio-diagnóstico inteiramente moderno — 200 contos; complemento da instalação da Lavandaria a vapor — 54.643\$88; complemento da instalação da caldeira de vapor e sôbre aquecedor — 56.00\$00; complemento da cozinha a vapor e cozinha da Clínica Obstétrica e caldeira especial para fornecimento de vapor à dita cozinha e à central de esterilizações — 56.600\$00; irradiadores e canalização para a distribuição de aquecimento — 84.00\$00; compra de um grande ascensor eléctrico para a condução de doentes do 1.º e 2.º pavimentos das enfermarias para o Raio X — 49.00\$00; complemento do cano de esgotos em alvenaria e cimento — 15.844\$29; e na continuação da reconstrução do Hospital dos Lázaros, para onde deve convergir uma ponderosa actividade da Direcção, porque a cidade de Coimbra e a assistência aos tuberculosos assim o aconselham encontra-se a verba disponível de 200 contos.

Se, porém, durante o ano económico corrente se apurarem receitas superiores às previstas em orçamento ordinário, elas serão integralmente, salvo caso de força maior, applicadas na reconstrução do Hospital dos Lázaros.

Eis o programa que me proponho realizar no corrente ano económico se o Govêrno da República, a Faculdade de Medicina e o Conselho Técnico entenderem que me podem continuar a dispensar a sua confiança.

Coimbra, 12 de Novembro de 1928. — O Director substituto, (a.) *Angelo da Fonseca.*

Total	Fôrmas	Varças	Total	* Fôrmas	Varças	Anos lectivos
-------	--------	--------	-------	----------	--------	---------------

Alguns legados e donativos a êstes Hospitais se registam durante o período que decorreu de 1910 a 1930, os quais vão devidamente destacados, como bem merecem os generosos bemfeitores que os fizeram, no mapa n.º 7.

II	4	7	12	*	9	1927-1928
II	2	8	10		10	1928-1929
II	2	8	10		11	1929-1930

Como a alínea b) do artigo 72 do Decreto n.º 5736 estabelece a índole dêste *Boletim* e nela se indica, entre outras peças que o devem constituir, a publicação de «notas e todos os mais trabalhos que interessam à vida, serviços e pessoal hospitalar», adiante vai referida tôda a legislação que diz respeito aos Hospitais da Universidade.

12	5	8	23	18	30	1927-1928
12	5	8	23	18	30	1928-1929
12	5	8	23	18	30	1929-1930

a) 5 perdiam o ano por falta, nos termos da alínea a) do artigo 23 do Decreto n.º 5043
b) 8 repetiram o 2.º ano em virtude da resolução do Conselho Escolar de 3 de Julho de 1927

Mapa n.º 1

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Movimento de doentes e consultas externas a)

Estatística comparativa

Anos	Total dos tratamentos	Socorros urgentes no banco	Admitidos às consultas (média diária)	Tratamentos
1919-1920	20.471	806	55,93	
1920-1921	16.853	620	46,17	
1921-1922	21.904	678	60,01	
1922-1923	28.913	851	79,21	
1923-1924	24.388	716	68,59	1919-20 20.471
1924-1925	22.367	587	61,27	1924-25 22.367
1925-1926	25.546	642	69,98	1929-30 44.356
1926-1927	28.180	1.044	77,11	
1927-1928	36.289	1.189	99,15	
1928-1929	35.946	1.333	98,48	
1929-1930	44.356	1.284	90,90	

a) Consultas estabelecidas pelo artigo 46 e seu § do Decreto n.º 5736 de 10 de Maio de 1919.

Mapa n.º 2

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

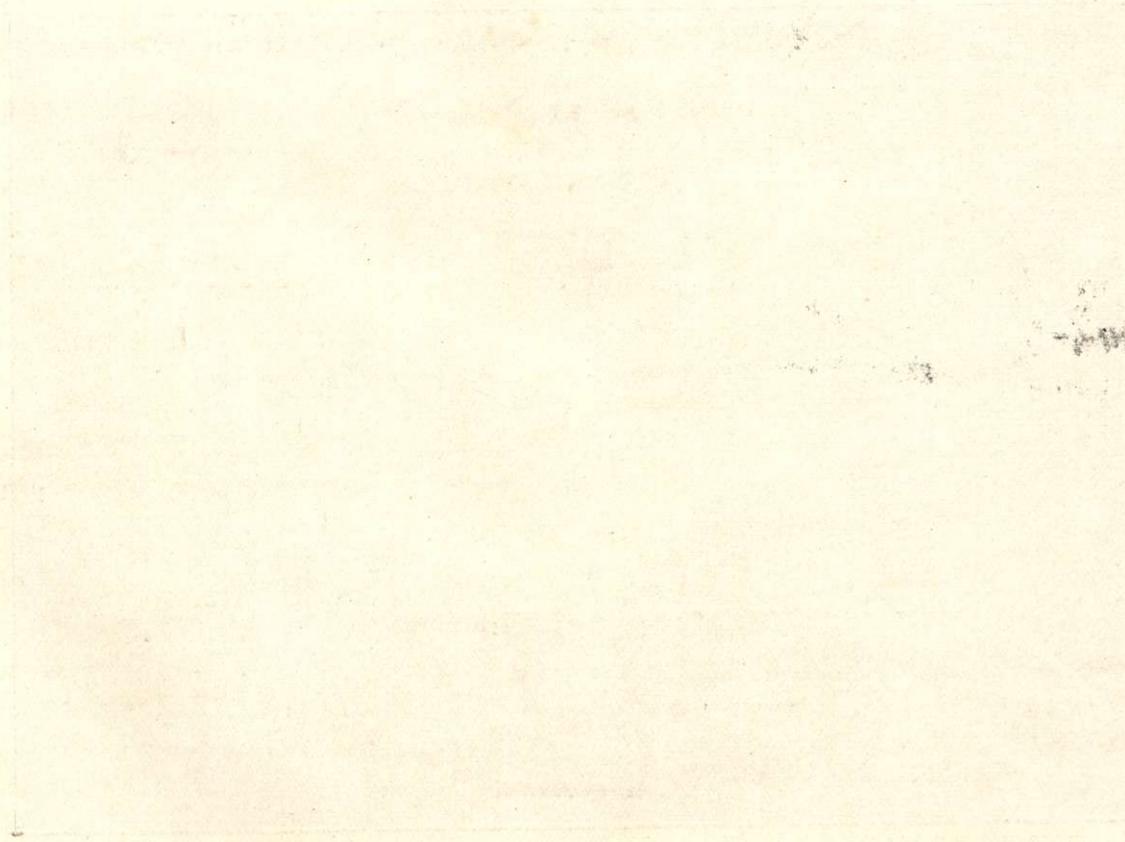
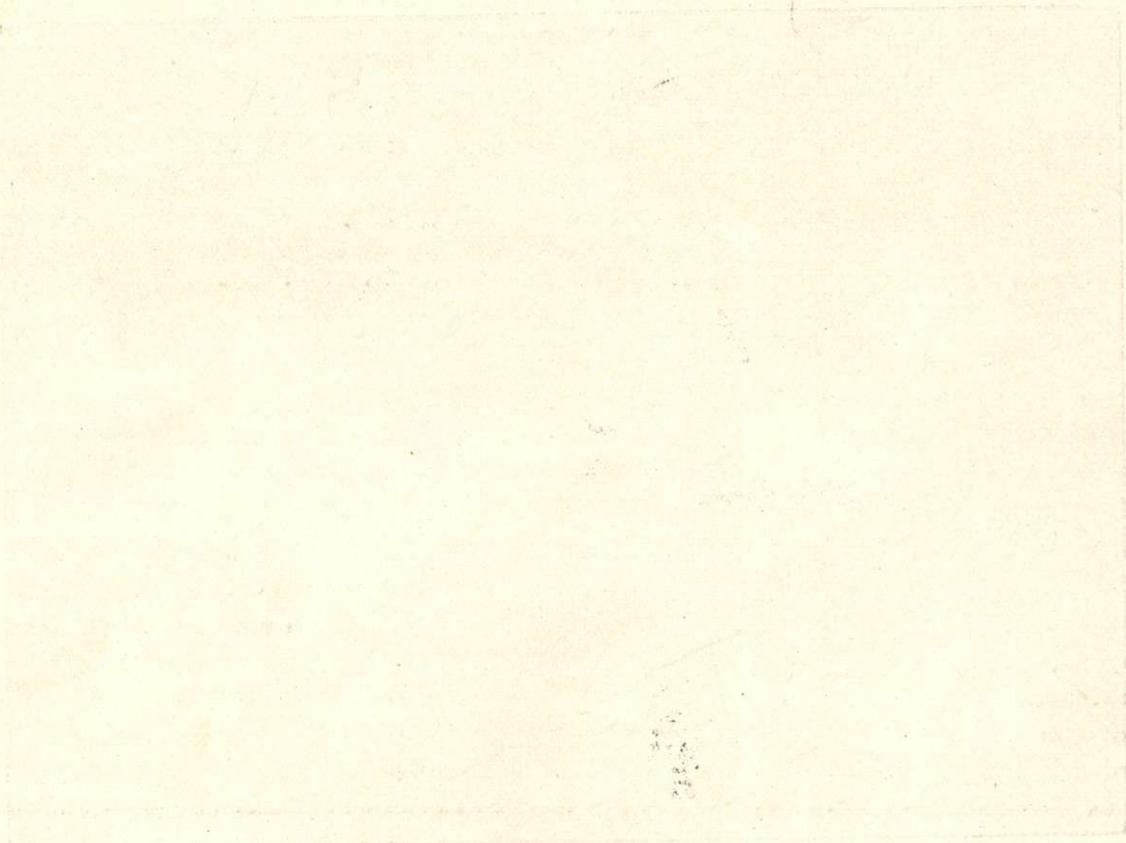
Escola de enfermagem

Movimento

Anos lectivos	Matriculados			Concluíram o curso		
	Varões	Fêmeas	Total	Varões	Fêmeas	Total
1919-1920	38	41	79	36	35	71
1920-1921	4	1	5	1	—	1
1921-1922	12	9	21	α) e β)	—	—
1922-1923	9	7	16	1	4	5
1923-1924	10	2	12	7	4	11
1924-1925	14	3	17	9	2	11
1925-1926	22	4	26	3	—	3
1926-1927	28	13	41	6	—	6
1927-1928	35	17	52	7	2	9
1928-1929	24	10	34	9	4	13
1929-1930	20	13	33	8	5	13
	216	120	336	87	56	143

a) 5 perderam o ano por faltas, nos termos da alínea a) do artigo 25 do Decreto n.º 6943.

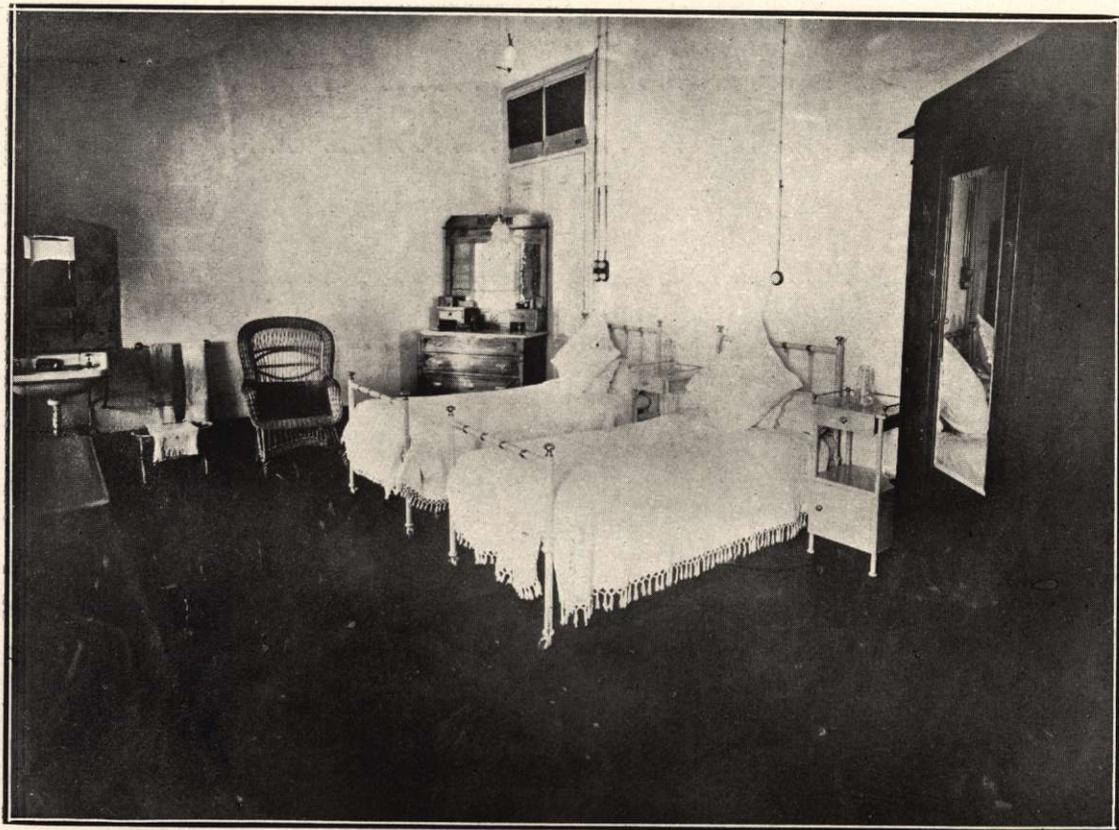
b) 9 repetiram o 2.º ano em virtude da resolução do Conselho Escolar de 3 de Julho de 1922.



Faint, illegible text or markings at the bottom of the page, possibly bleed-through from the reverse side.



H. U. C. — UMA ENFERMARIA DA SECÇÃO DE MULHERES



H. U. C. — UM DOS QUARTOS DESTINADOS AOS DOENTES PENSIONISTAS
DE 1.ª E 2.ª CLASSES

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Nota das obras e sua despesa, por anos económicos, cuja administração correu por conta da Comissão Autónoma Administrativa das obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra

Anos económicos	Verbas dispendidas	Obras realizadas
1913-1914	12.122\$00	Construção de retretes no Colégio das Artes.
1914-1915	13.138\$51	Instalação elétrica, caldeiras, dinamos, baterias, etc., esgotos.
1915-1916	9.240\$57	Quartos para pessoal no telhado do sul do Colégio das Artes; alicerces da lavandaria, lavagem e esterilização de louças, ampliação da Dispensa, etc.
1916-1917	19.435\$08	Pavimento da sala dos dinamos, banho e retretes na administração, corredor da cozinha, cozinha geral, obras em S. Jerónimo; para-raios, canalização de águas, serviços de vapor, etc.
1917-1918	-3-	Não se fizeram obras.
1918-1919	14.982\$34	Edifício de S. Jerónimo, novos quartos particulares, Secretaria, etc.
1919-1920	100.000\$00	Obras no edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, Secretaria, etc.
1920-1921	99.863\$29	Obras na Lavandaria, Edifício de S. Jerónimo.
1921-1922	-5-	Não se realizaram obras algumas.
1922-1923	83.990\$61	Edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, salas da aula, Secretaria, etc.
1923-1924	78.584\$03	Edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, Secretaria.
1924-1925	214.237\$01	Edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, Secretaria, reservatório de água no edifício do Colégio das Artes.
1925-1926	169.615\$27	Edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, Secretaria.
1926-1927	179.990\$47	Edifício de S. Jerónimo, quartos particulares, Secretaria.
1927-1928	150.000\$00	S. Jerónimo, Edifício da Lavandaria.
1928-1929	150.000\$00	Edifício da Lavandaria.
1929-1930	150.000\$00	Edifício da Lavandaria.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Subsídios extraordinários do Tesouro concedidos à Direcção dos Hospitais

Anos económicos

1911-1912

Concedido pelo Governo de Manuel de Arriaga, Silvestre Falcão:	
Subsídio extraordinário	9.000\$00
Concedido pelo Governo de Manuel de Arriaga, Duarte Leite:	
Subsídio extraordinário	5.000\$00

1912-1913

Concedido pelo Governo de Manuel de Arriaga, Duarte Leite:	
Subsídio extraordinário	50.000\$00

1914-1915

Concedido pelo Governo de Manuel de Arriaga, Pedro Gomes Teixeira:	
Subsídio extraordinário	30.000\$00

1915-1916

Concedido pelo Governo de Manuel de Arriaga, Pimenta de Castro, Gomes Teixeira:	
Subsídio extraordinário	9.643\$80

1916-1917

Concedido pelo Governo de Bernardino Machado, António Pereira Reis, Afonso Costa:	
Subsídio extraordinário	33.420\$00

1917-1918

Concedido pelo Governo de Bernardino Machado, Alexandre Braga, Norton de Matos:	
Subsídio extraordinário	30.000\$00
Concedido pelo Governo de Sidonio Pais, Tamagnini Barbosa:	
Subsídio extraordinário	48.174\$25

1918-1919

Concedido pelo Governo de Sidonio Pais, Tamagnini Barbosa, Forbes Bessa:	
Subsídio extraordinário	50.043\$17
Concedido pela Direcção Geral de Assistência:	
Subsídio extraordinário	67.112\$81

1919-1920

Concedido pelo Governo de Canto e Castro, Domingos Pereira, Augusto Dias da Silva:	
Subsídio extraordinário	3.000\$00

1920-1921

Concedido pelo Governo de Canto e Castro, José Domingos dos Santos:	
Subsídio extraordinário	233.000\$00

1921-1922

Concedido pelo Governo de António José de Almeida, Júlio Ernesto de Lima Duque:	
Subsídio extraordinário	350.000\$00
Subsídio extraordinário	50.000\$00

1922-1923

Concedidos pelo Governo de António José de Almeida, Vasco Borges:	
Subsídio extraordinário	500.000\$00

1924-1925

Concedido pelo Governo de Teixeira Gomes, Rodolfo Xavier da Silva:
 Subsídio extraordinário 665.312,54
 Subsídio extraordinário 147.039,16

1925-1926

Concedidos pelo Governo de Manuel Teixeira Gomes, Rodolfo Xavier da Silva:
 Reforço a subsídio ordinário 414.000,00
 Subsídio extraordinário 297.260,00

1927-1928

Concedido pelo Governo de António Oscar Fragoso Carmona, Sinel de Cordes:
 Subsídio extraordinário 202.333,35

Total	Distritos				
	A pagar	Indevidentes	A pagar		
1	—	1	—	—	Beja
8	1	—	8	2	Bragança
8	2	1	4	1	Bragança
74	10	14	15	35	Castelo Branco
1.467	83	775	144	465	Coimbra
938	208	208	208	221	de fora do concelho
2	1	—	1	—	Évora
2	1	—	1	—	Faro
229	28	35	90	46	Guarda
448	102	89	189	98	Leiria
20	10	—	8	1	Lisboa
75	10	28	11	26	Portalegre
20	2	1	17	2	Porto
118	24	20	43	26	Santarém
10	8	2	3	2	Viana do Castelo
91	26	8	88	19	Vila Real
404	84	98	133	80	Viana
20	—	6	—	28	Em trânsito ou passagens
4.149	686	1.322	1.037	1.104	Totais
	2.008		2.141		

Resumo:

1.467	de concelho	Distrito de Coimbra
938	de fora do concelho	
1.730		Outros distritos
20		Em trânsito
4.149		Total

Mapa n.º 5

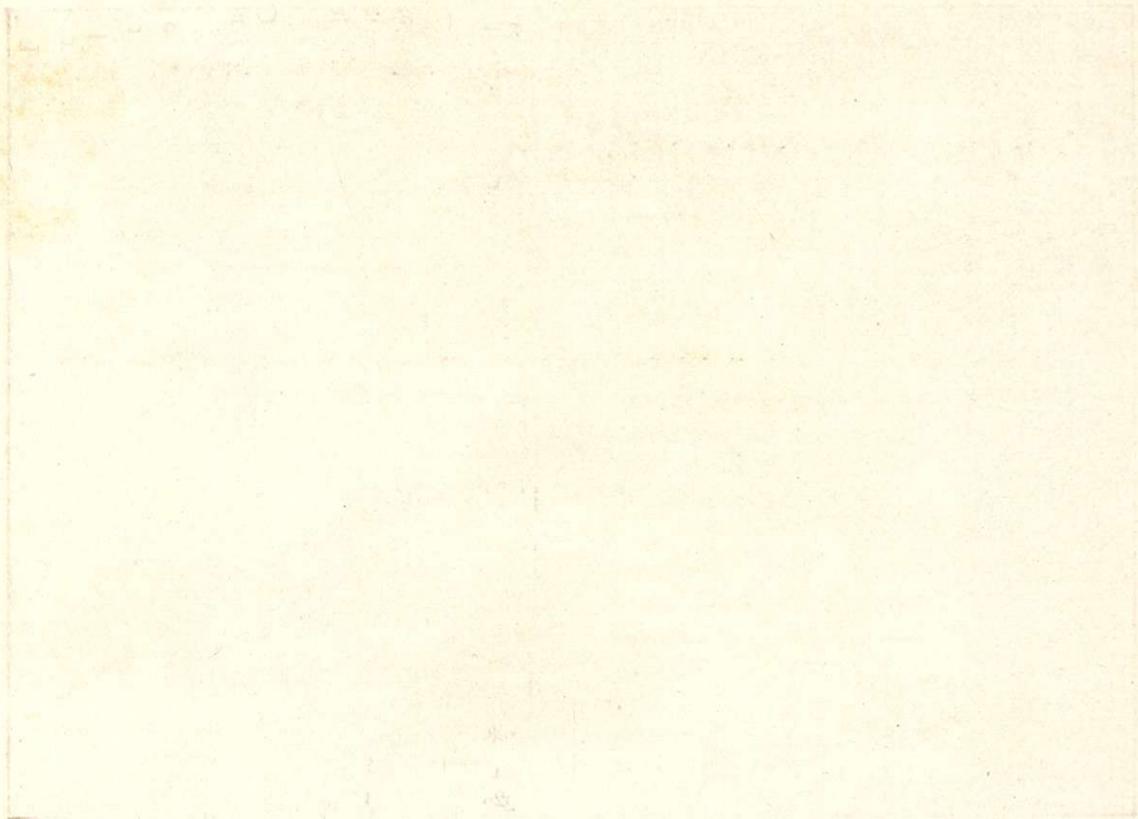
HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Doentes internados durante o ano economico de 1929-1930 e distritos a que pertencem

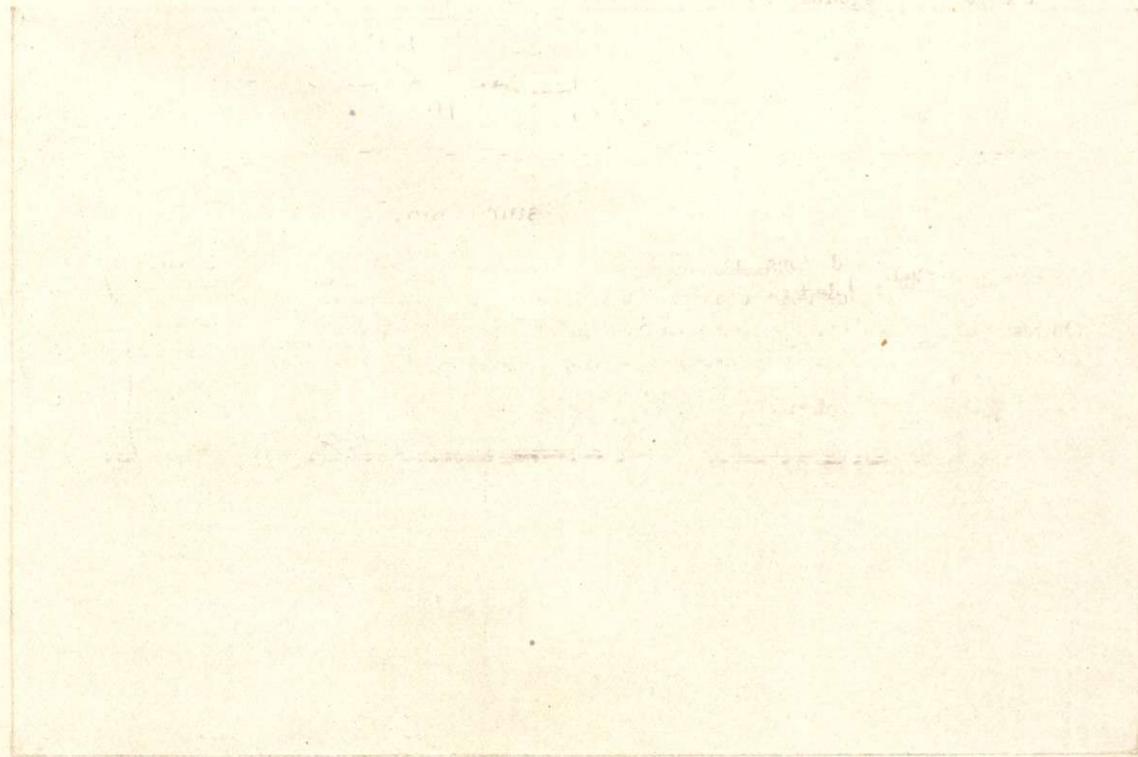
Distritos	Varões		Fêmeas		Total	
	Indigentes	A pagar	Indigentes	A pagar		
Aveiro	48	68	41	59	216	
Beja	—	—	1	—	1	
Braga	2	5	—	1	8	
Bragança	1	4	1	2	8	
Castelo Branco	35	15	14	10	74	
Coimbra	do concelho	465	144	775	83	1.467
	de fora do concelho	221	296	203	203	923
Évora	—	1	—	1	2	
Faro	—	1	—	1	2	
Guarda	46	90	35	58	229	
Leiria	98	759	89	102	448	
Lisboa	1	9	—	10	20	
Portalegre	26	11	28	10	75	
Porto	2	17	1	9	29	
Santarém	26	43	20	24	113	
Viana do Castelo	2	3	2	3	10	
Vila Real	19	38	8	26	91	
Vizeu	89	133	98	84	404	
Em trânsito ou passageiros	23	—	6	—	29	
	1.104	1.037	1.322	686	4.149	
Totais	2.141		2.008			

Resumo:

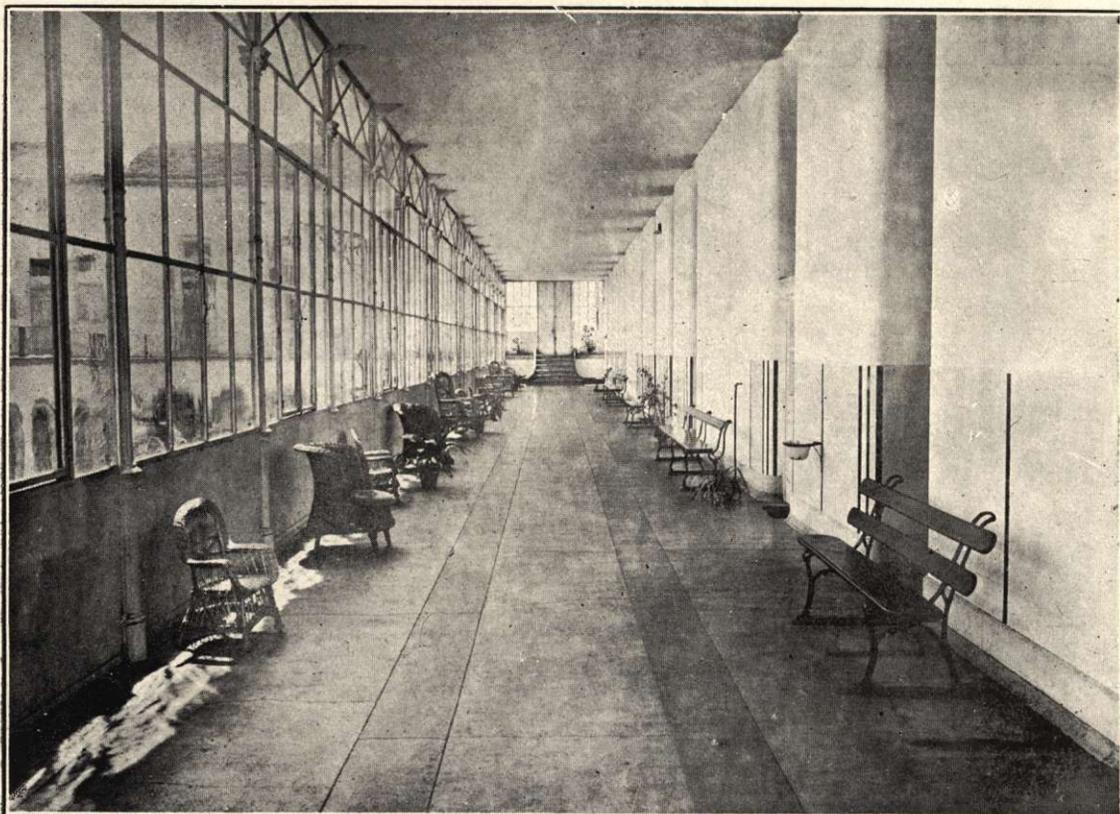
Distrito de Coimbra	{ do concelho	1.467	} 2.390
	{ de fora do concelho	923	
Outros distritos		1.730	
Em trânsito		29	
Total		4.149	



THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY



UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY



H. U. C. — GALERIA DOS SERVIÇOS CLÍNICOS DE NEUROLOGIA (*mulheres*) E PEDIATRIA



H. U. C. — EDIFÍCIO VISTO DO BAIRRO DE SANTA CRUZ. NA CÊRCA EM CONSTRUÇÃO, A PARTE DESTINADA AO ECONOMATO, ROUPARIA, LAVANDARIA E FARMÁCIA

Mapa n.º 6
HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Doentes hospitalizados

Mapa comparativo

Anos	Doentes tratados	Dias de hospitalização	Existência diária (média)
1909-1910	2.635	111.400	305,20
1914-1915	2.697	148.301	406,30
1919-1920	3.246	158.668	433,51
1924-1925	3.175	124.163	340,16
1929-1930	4.637	184.467	505,31

Resumindo:

1909-1910	305,20	} Existência diária (média).
1919-1920	433,51	
1929-1930	505,31	

Mapa n.º 7
HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Registo dos legados e donativos com que foram contemplados os Hospitais da Universidade de Coimbra

Beneficentes	Legados ou donativos	Data do recebimento
Sebastião António dos Santos	60 Obrigações do Banco Nacional Ultramarino.	6-11-1912
Dr. Abílio Xavier Pereira dos Santos	Legado de todos os bens imobiliários que possuía na freguesia de Sernache dos Alhos.	2- 8-1913
Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, professor da 2.ª Cadeira da Clínica Médica	75\$00 (donativo).	17-11-1913
D. Maria da Encarnação Roxanes	31 Ações do Banco de Portugal e 500\$00 em dinheiro.	
António Augusto Gomes	500\$00 (legado).	19- 1-1916
Dr. Daniel Ferreira de Matos	18 Obrigações ao portador do empréstimo português de 4% do valor nominal total de 405\$00.	5- 9-1916
Anónimo	18\$00 (donativo).	23- 3-1917
Dr. Daniel Ferreira de Matos	12\$00 »	16- 1-1917
Tomaz Alberto Alves Saraiva	3.000\$00 (legado).	7- 8-1917
Alípio Augusto dos Santos	3.000\$00 »	16-10-1919
António Maria dos Santos	1.000\$00 »	28- 3-1918

Bemfeitores	Legados ou donativos	Data do recebimento
Dr. Fausto Lopo de Carvalho	82\$01 (donativo).	21-10-1920
Artur Augusto de Oliveira	50\$00 »	15-11-1920
Condessa de Ficalho	50\$00 »	26-11-1920
José da Silva Policarpo	100\$00 »	1- 3-1921
Conde de Azevedo	67\$00 »	26- 4-1921
Pedro Dias de Albuquerque	4\$00 »	2- 2-1922
Dr. Manuel Marques Lima Figueiredo	5\$15 (donativo) e cinco obrigações da Companhia Geral do Crédito Português, tipo, juros de 5%.	31- 5-1922
Joaquim Eduardo Ferreira Barbosa	500\$00 (legado).	28-11-1922
Uma anónima	100\$00 (donativo).	9- 3-1923
Filial do Banco Pinto & Soto Maior	1.000\$00 »	6- 6-1923
José Maria de Oliveira Matos	140\$00 »	2- 6-1924
Professor Dr. Luís dos Santos Viegas	2\$70 »	9- 8-1924
Ludovina Ventura	10\$00 »	8-12-1926
D. Rui de Vaz Sequeira	5\$50 »	4- 4-1927
Anónimo	20\$00 »	8-10-1927
Comissário Geral da Polícia Cívica de Segurança Pública de Coimbra	40\$00 »	14-12-1927

B. U. C. — GALERIA DOS SERVIÇOS CLÍNICOS DE SANTA LUZIA (mulheres)

Mapa n.º 7

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Registo dos legados e donativos com que foram contados os Hospitais da Universidade de Coimbra

Bemfeitores	Legados ou donativos	Data do recebimento
Andrino Maria dos Santos	15\$000 (legado)	22- 8-1918
Alípio Augusto dos Santos	15\$000 (legado)	16-10-1919
Tomaz Alberto Alves Saraiva	15\$000 (legado)	7- 8-1917
Dr. Daniel Ferreira de Matos	15\$000 (legado)	16- 1-1917
Anónimo	15\$000 (donativo)	23- 5-1917
Dr. Daniel Ferreira de Matos	15\$000 (legado)	27- 9-1917
Dr. Daniel Ferreira de Matos	15\$000 (legado)	10- 4-1916
D. Maria de Conceição	15\$000 (legado)	17-11-1915
Dr. Adolpho Vieira de Castro	15\$000 (legado)	22- 8-1915
Dr. Adolpho Vieira de Castro	15\$000 (legado)	6-11-1913

B. U. C. — GALERIA DOS SERVIÇOS CLÍNICOS DE SANTA LUZIA (mulheres)

LEGISLAÇÃO REFERENTE AOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Portaria de 22 de Junho de 1870. — Aprova o Regulamento Geral dos Hospitais e estabelecimentos da sua dependência anexos à Universidade de Coimbra e a tabela dos vencimentos, (*D. do G.*, n.º 189, de 25 de Junho de 1870).

Decreto com força de Lei de 27 de Abril de 1911. — Reorganiza os serviços dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, n.º 100, de 1 de Maio de 1911).

Decreto de 27 de Abril de 1912. — Tornando extensivas aos enfermeiros, enfermeiras, ajudantes, praticantes e porteiros de ambos os sexos dos Hospitais da Universidade de Coimbra, as vantagens concedidas aos empregados da mesma categoria do Hospital de S. José e anexos nos artigos 34.º, 42.º e 50.º do Dec. de 10 de Setembro de 1901 e as constantes dos Dec.º de 26 de Maio e 10 de Agosto de 1911, (*D. do G.* n.º 101, de 30 de Abril de 1911).

Lei de 30 de Junho de 1912. — Elevando o subsídio do Tesouro dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, n.º 174, de 26 de Julho de 1912).

Decreto de 27 de Julho de 1912. — Concedendo ao Chefe de enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra as mesmas regalias que o Regulamento de 24 de Dezembro de 1901 garante nos artigos 177 e 192 aos Fiscais dos Hospitais de S. José e anexos relativamente a aposentação; contagem de tempo; de justificação de faltas, etc. e que aos Chefes da Rouparia, Lavandaria e Dispensa, ajudantes, praticantes de Farmácia, roupeira e sua ajudante, cozinheiros, ajudantes e fogueiros da cozinha, criados e criadas dos Hospitais da sobredita Universidade e suas dependências, se tornem extensivas as vantagens concedidas por Dec. de 27 de Abril do corrente ano ao pessoal das enfermarias e porteiros destes estabelecimentos, (*D. do G.*, n.º 177, de 30 de Junho de 1912).

Decreto de 27 de Julho de 1912. — Abrindo três créditos especiais para pagamento de despesas de instrução primária e dos Hospitais de S. José e Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, n.º 177 de 30 de Julho de 1912).

Lei n.º 227. — Fixa o quadro do pessoal da Secretaria, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 108, de 3 Julho de 1914).

Decreto n.º 1485. — Abrindo créditos extraordinários para pagamentos dos déficits dos Hospitais da Universidade de Coimbra dos anos económicos de 1912-1913, 1913-1914 e 1914-1915, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 71, de 12 Março de 1915).

Decreto n.º 1521. — Aprovando o Regulamento do Estabelecimento Hidroterápico dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 78, de 21 Abril de 1915).

Lei n.º 464. — Fixa o quadro definitivo e vencimentos do pessoal auxiliar dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 197, de 28 de Setembro de 1915).

Decreto n.º 2177. — Elevando as taxas estabelecidas para os pensionistas de 1.ª e 2.ª classe dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 7, de 13 de Janeiro de 1916).

Lei n.º 547. — Abrindo um crédito especial para cobrir o déficit dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, n.º 101, de 23 Maio de 1916)

Portaria n.º 783. — Autorizando os Hospitais da Universidade de Coimbra a aceitar um donativo (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 193, de 22 de Setembro de 1916).

Decreto n.º 2936. — Aumentando a taxa dos doentes pensionistas e tabela das pensões diárias e depósitos a efectuar pelos doentes pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 8, de 16 de Janeiro de 1917).

Decreto n.º 4181. — Fixando as novas taxas dos doentes pensionistas admitidos nos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 93, de 1 de Maio de 1918).

Decreto n.º 4337. — Concedendo melhoria de situação ao pessoal assalariado e serventuário dos Hospitais Civis de Lisboa, dos Hospitais da Universidade de Coimbra e D. Leonor e Santo Isidoro das Caldas da Rainha, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 120, de 1 Junho de 1918).

Decreto n.º 4613. — Adicionando à dotação dos Hospitais da Universidade de Coimbra a verba correspondente ao déficit de 1917-1918, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 15, de 14 de Julho de 1918).

Decreto n.º 4641. — Organizando a Secretaria do Estado do Trabalho (artigo 1.º alínea e), (*D. do G.* suplemento, 1.ª Série n.º 157 de 14 Julho de 1918).

Decreto n.º 5736. — Reorganiza os serviços dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 98, de 10 de Maio de 1919, Suplemento n.º 11).

Retificações ao Decreto n.º 5736. — Reorganização dos Hospitais da Universidade de Coimbra publicado no II Suplemento ao *D. do G.*, n.º 98, de 10 de Maio de 1919, (*D. do G.*, n.º 102, 1.ª Série, de 28 de Maio de 1919).

Decreto n.º 6213. — Modificando a tabela das taxas e pensões diárias a aplicar aos doentes pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 230, de 11 de Novembro de 1919).

Decreto n.º 6339. — Modificando a tabela de taxas e pensões diárias a aplicar aos pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 11, de 14 de Janeiro de 1920).

Decreto n.º 6340. — Altera o preçário do estabelecimento Hidroterápico dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 11, de 14 de Janeiro de 1920).

Decreto n.º 6943. — Aprova o Regulamento da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 183, de 16 de Setembro de 1920).

Decreto n.º 8484. — Cria um Armazem Geral nos Hospitais da Universidade de Coimbra (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 236, de 15 Outubro de 1922).

Decreto n.º 8137. — Eleva a taxa dos doentes pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 91, de 11 Abril de 1922).

Decreto n.º 8606. — Nomeia uma Comissão Administrativa afim de superintender nos serviços relativos às Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, regula a constituição e atribuições da referida Comissão, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 22, de 1 de Fevereiro de 1923).

Decreto n.º 8914. — Altera o preçário do Balneário dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 126, de 14 de Junho de 1923).

Decreto n.º 9127. — Eleva as taxas dos pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 200, de 17 de Setembro de 1923).

Decreto n.º 1003. — Fixa as gratificações do Director do Hospital, clínicos, professores da Escola de Enfermagem, Inspector dos Serviços Bromatológicos e Chefes de Obras, (*D. do G.*, 1.ª Série, de 9 de Agosto de 1924).

Decreto n.º 9926. — Altera o artigo 17 do Regulamento da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.* 1.ª Série, n.º 162, de 21 de Agosto de 1924).

Decreto n.º 10081. — Eleva ao triplo a gratificação dos Assistentes de guarda dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, n.º 205, de 10 de Setembro de 1924).

Decreto n.º 10163. — Fixa taxas as diárias dos doentes pensionistas dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 223, de 3 de Outubro de 1924).

Decreto n.º 10246. — Abre o crédito especial para pagamento dos déficits relativos aos anos económicos de 1922-1923 e 1923-1924, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 247, de 3 de Novembro de 1924).

Decreto n.º 10566. — Determina que o Decreto n.º 4641 seja extensivo na parte aplicável ao serviço dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 39, de 19 de Fevereiro de 1925).

Declaração sobre melhorias ao pessoal dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 102, de 11 de Maio de 1925).

Declaração que torna extensiva ao pessoal dos Hospitais da Universidade de Coimbra a tabela das subvenções diferenciais para os Hospitais Cíveis de Lisboa publicada no *D. do G.*, n.º 271, 5 de Dezembro de 1924, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 120, de 1 Junho de 1925).

Decreto n.º 10054. — Déficit dos Hospitais de 1924-1925.

Diferença de melhorias de vencimento ao pessoal dos Hospitais da Universidade de Coimbra respeitante ao ano económico de 1922-1923, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 193, de 1 Setembro de 1925).

Decreto n.º 11267. — Extingue o Ministério do Trabalho transitando para outros Ministérios os serviços que competiam aos seus diversos organismos, incluindo os autónomos (Artigo 12.º, § único, alínea d) (*D. do G.* 1.ª Série, n.º 255, de 25 de Novembro de 1925).

Decreto n.º 11336. — Determina que a Direcção Geral de Assistência e o Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral consignados no Decreto 11267 passem a constituir um só organismo denominado Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdências Geral, tornando-o dependente do Ministério do Interior e toma outras providências atinentes à execução do mesmo Decreto que extinguiu o Ministério do Trabalho, (§ único dos artigos 2.º e 10.º), (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 264, de 4 de Dezembro de 1925).

Decreto n.º 11625. — Fixa as taxas a pagar pelos doentes pensionistas aos Hospitais da Universidade de Coimbra das Camaras Municipais e Misericórdias e no artigo 6.º dá a concessão aos funcionários hospitalares para ocuparem os quartos particulares, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 93, de 30 de Abril de 1926).

Decreto n.º 12193. — Determina que o pessoal auxiliar dos Hospitais da Universidade de Coimbra a que se refere o artigo 62 do Dec. n.º 5736 seja de futuro assalariado, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 187, de 25 de Agosto, de 1926).

Decreto n.º 13593. — Determina que o pessoal auxiliar dos Hospitais da Universidade de Coimbra, seja assalariado nos termos do Dec. n.º 12193, mantendo-se no entanto a parte respectiva da tabela anexa ao Dec.

n.º 5736 e devendo o complemento do salário que o mesmo pessoal tenha a perceber continuar a ser abonado pelas melhorias aos funcionários dos mesmos Hospitais, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 97, de 12 de Maio de 1927).

Decreto n.º 14841. — Abre um crédito destinado a cobrir o déficit dos Hospitais da Universidade de Coimbra no ano económico de 1926-1927, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 6, de 9 de Janeiro de 1928).

Decreto n.º 15997. — Fixa o quadro do pessoal dos estabelecimentos de Assistência Pública dependentes da Direcção Geral de Assistência, (*D. do G.*, 1.º Série, n.º 243, de 22 de Outubro de 1928).

Decreto n.º 16095. — Regula o pagamento das contas em dívida pelas Camaras Municipais aos Hospitais Civis de Lisboa e aos da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série n.º 252, de 1 de Novembro de 1928).

Decreto n.º 16347. — Torna extensiva aos Hospitais da Universidade de Coimbra as doutrinas dos artigos 1.º e 2.º do Dec. n.º 16225 (permitindo a afixação dos preços aos serviços clínicos aos sinistrados), (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 10, de 12 de Janeiro de 1929).

Decreto n.º 16560. — Promulga várias disposições àcerca da liquidação anual pelas Camaras Municipais das suas contas com os Hospitais Civis de Lisboa e Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 51, de 4 de Março de 1929).

Decreto n.º 16689. — Instituinto nos Hospitais da Universidade de Coimbra um Secção que se dominará Economato. Cria determinados logares e extingue outros, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 75 de 4 de Abril de 1929).

Decreto n.º 17349. — Determina que os 2.ºs Escriurários dos diversos serviços e secções dos Hospitais da Universidade de Coimbra passem a denominarem-se 3.ºs oficiais, com os vencimentos correspondentes a esta categoria, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 213, de 16 de Setembro de 1929).

Decreto n.º 17384. — Determina que ao 1.º Oficial, ao Contabilista e ao Tesoureiro da Secretaria dos Hospitais da Universidade de Coimbra, seja atribuída a categoria de chefe de secção. Mas determina que o pessoal dos Serviços clínicos estabelecido pelo Dec. n.º 15997, seja acrescido dos internos 1.º ano e dos Assistentes de guarda, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 223, de 28 Setembro de 1929).

Portaria. — Louva o Director substituto em exercício dos Hospitais da Universidade de Coimbra, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 230, de 3 de Outubro de 1929).

Decreto n.º 17443. — Regula a concessão de licenças e abono de faltas a empregados e contratados e assalariados dos estabelecimentos dependentes da Direcção Geral da Assistência, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 234, de 12 de Outubro de 1929).

Decreto n.º 17530. — Dá nova redacção ao artigo 7.º do Dec. n.º 11625 afim de serem actualizadas as taxas que a Camara Municipal de Coimbra tem a pagar aos Hospitais da Universidade pela hospitalização dos doentes pobres do mesmo concelho, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 251, de 1 de Novembro de 1929).

Decreto n.º 18342. — Regulamentando o funcionamento das administrações dos estabelecimentos dependentes da Direcção Geral de Assistência (§ único do artigo 7.º) (*D. do G.*, n.º 113, de 17 de Maio de 1930).

Decreto n.º 18566. — Fixa o quadro do pessoal e respectivos vencimentos e salários dos asilos e recolhimentos dependentes da Direcção Geral de Assistência, (artigos 2.º, 7.º, 12.º, 15.º, 16.º, 18.º e 27.º) (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 155, de 7 Julho de 1930).

Decreto n.º 18678. — Autoriza a Camara Municipal e os Hospitais da Universidade de Coimbra a acordarem entre si a forma de darem execução ao decreto n.º 17530, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 173, de 28 de Julho de 1930).

Decreto n.º 18784. — Autoriza os Hospitais da Universidade de Coimbra e a Camara Municipal de Coimbra a ajustar entre si, e pela forma que melhor lhes convier, a liquidação dos encargos provenientes das despesas com o tratatamento de doentes pobres do concelho de Coimbra nos referidos Hospitais e dos fornecimentos de água e electricidade feitos pelos serviços Municipalizados da mesma Camara, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 209, de 29 de Agôsto de 1930).

Decreto n.º 19034. — Manda entregar à Junta Geral do Distrito de Coimbra o edificio do antigo Hospício distrital da mesma cidade. Mantém a Maternidade de Coimbra que continua anexa para efeitos scientificos à Faculdade de Medicina. Extingue a Comissão Administrativa da mesma Maternidade passando a administração desta para os Hospitais da Universidade, (*D. do G.*, 1.ª Série, n.º 266, de 14 de Novembro de 1930).

Publicação retificada no *D. do G.*, 1.ª Série, n.º 228, de 11 de Dezembro de 1930.

Com a fé nova apparece, de facto, esta idea nova de que a assistência aos doentes necessitados se impunha a todos como um dever a que ninguém se podia furtar.

O movimento começa no Imperio do Oriente, onde a própria mão do Imperador Constantino, Helena, muito se interessara por esta grande obra, aconselhada ao mesmo tempo, como disse Paul Lacène, pela piedade cristã e pela prudência politica, porque lá em Constantinopla, enorme cidade marítima e cosmopolita, havia certamente uma plebe numerosa e inquieta, que, mal contenta, se poderia tornar perigosa.

¹ A. Garroliani, *Storia della Medicina*. — Milano 1927, pag. 260.

² P. Lacène, *L'evolution de la chirurgie*. — Paris 1923, pag. 119.

HOSPITAIS DE COIMBRA

Poderá causar estranheza que o grande estabelecimento hospitalar de Coimbra, ocupando os edifícios que antigamente foram o *Colégio das Artes*, o *Colégio de S. Jerónimo*, o *Colégio dos Militares* e ainda as ruínas do *Observatório Astronómico*, começado a construir, no tempo do Marquês de Pombal, no sítio onde fôra o Castelo da Cidade, seja designado pelo nome de Hospitais e não de Hospital da Universidade.

É que se encontram agora aqui reunidos, com a mesma direcção e a mesma economia, três hospitais noutra tempo independentes — o da *Conceição*, o da *Convalescença* e o de *S. Lázaro*.

Um dêles, é certo, o da *Convalescença*, que nunca teve edificio próprio, desapareceu sem deixar vestígios. Mas tôda a gente ainda hoje chama, na Cidade, *Hospital dos Lázaros* à parte que ocupa o antigo *Colegio dos Militares*.

Por isso se conserva, penso eu, esta designação tradicional de *Hospitais da Universidade*, que as razões apresentadas mais ou menos justificam.

Muitas voltas deram os Hospitais até chegar aqui, às casas que hoje ocupam.

Dizer essa longa viagem vai ser o assunto da história que me proponho contar.

Será bom, porém, desde já advertir — no que se segue pouco haverá que mais ou menos já não corra impresso.

Fracas serão, portanto, as novidades.

Mas, de caminho, irei mostrando fotografias representando aspectos pouco conhecidos de antigos hospitais, reproduções de velhas estampas e outros documentos curiosos.

Será êsse, por ventura, o único interêsse disto tudo.

Como é sabido, durante a idade média tôda a cristandade se cobriu de hospitais que reis, princesas, ricos-homens ou donas piedosas mais ou menos largamente dotavam.

Efeito benéfico do cristianismo?

Sem dúvida.

Com a fé nova apparecera, de facto, esta idea nova de que a assistência aos doentes necessitados se impunha a todos como um dever a que ninguem se podia furtar¹.

O movimento começara no Império do Oriente, onde a própria mãe do Imperador Constantino, Helena, muito se interessara por esta grande obra, aconselhada ao mesmo tempo, como disse Paul Lecène, pela piedade cristã e pela prudência política, porque lá em Constantinopla, enorme cidade marítima e cosmoplita, havia certamente uma plebe, numerosa e inquieta, que, mal contente, se poderia tornar perigosa².

¹ A. CASTIGLIONI, *Storia della Medicina*. — Milano 1927, pág. 266.

² P. LECÈNE, *L'évolution de la chirurgie*. — Paris 1923, pág. 119.

É possível que, por tôda a parte, mais ou menos assim fôsse.

A piedade desempenhou sempre, com efeito, um grande papel político, nem sempre, deve dizer-se, claramente compreendido por aqueles que, de boa-fé, a praticam.

Mas foi sempre da mais elementar prudência, para manter um dado equilibrio económico e social, que os ricos e os poderosos fôsem dando aos necessitados um pouco do muito que possuem, para evitar que estes viessem a desejar o resto com um ardor talvez excessivo e inconveniente, mas que não tenho razões sérias para considerar ilegítimo.

Fôsem quais fôsem as razões, olhando agora apenas para o nosso país, o certo é que, durante a idade média, todo o reino se encheu de casas de caridade, mais ou menos moldadas pelas *xenodochia* bizantinas, de que talvez os cruzados tivessem trazido o padrão.

Eram as *albergarias*, destinadas a dar agasalho aos pobres, ou talvez mais ainda, como disse o prof. Maximiano Lemos, *a traduzir na prática o preceito cristão de dar pousada aos peregrinos*, ao tempo muito numerosos ¹.

Os que casualmente adoeciam eram separados dos outros, para serem devidamente tratados.

Havia, quer dizer, aquilo que nós hoje chamaríamos uma enfermaria.

Mas, à medida que arrefecia a febre das peregrinações, pouco a pouco a enfermaria foi absorvendo todo o edificio.

E as *albergarias* transformaram-se assim em pequenos hospitais.

Havia muitos por tôda a parte.

Com o rodar dos tempos, porém, aconteceu o que não podia deixar de acontecer.

Os rendimentos destas pequenas casas de caridade foram-se tornando escassos e a assistência aos doentes passou a ser defeituosa, admitindo, está claro, que alguma vez fôsse perfeita.

Acudiu-se à angustiosa situação concentrando os doentes, dispersos pelos pequenos hospitais duma mesma terra, num só, que ficou recebendo as rendas de todos.

Assim se fez em Lisboa no tempo de D. João II.

Assim se fez em Évora em 1515.

Assim aconteceu em Coimbra.

I

O HOSPITAL DA PRAÇA DE S. BARTOLOMEU E OS ANTIGOS HOSPITAIS DE COIMBRA

De facto, D. Manuel, *viendo cam neçessarea cousa era em a ditta çidade averer um bõ esptall segumdo o requer a nobreza. della. e a grande passajeem que por ella fazem as gentes de todas as partes e muy princiþallmente nos tenpos do gubileu Samtiago*, mandou construir, à sua custa, em Coimbra *hum esptall honrrado e asy comprido de todallas coussas que a esptall e Recolhim^{to} de proues coveem* ².

São estas passagens transcritas do Regimento *dado pera governança do esptall nouo*,

¹ MAXIMIANO LEMOS, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. I. — Lisboa 1899, pág. 43.

² *Carta do Regimento do Hospital Novo*, datada de 22 de Outubro de 1508, copiada por MANUEL DA CRUZ PEREIRA COUTINHO e publicada na *Noticia historica dos Hospitaes da Universidade*, de COSTA SIMÕES, pág. 185 e seg.

em 22 de Outubro de 1508, onde mais diz El-Rei que, em virtude da bula e autoridade que tinha do santo padre, juntara e reduzira a uma só casa *algũns esprytaes que na dita cidade avia e asy as Rendas Delles*¹, e para que, além disso, *melhor. e com mais abastança as obs piadosas se possam fazer no dito esp'tall. aos proues e pessoas. misyravees segundo p' este nosso Regimento ho ordenamos Nos prouue cõ ha Renda que agora teem o dito esp'tall lhe Refazerem cada hũn anno De nossa fazemda ceem mill Rs de Remda. segundo ja neste año lho mandamos Despachar*².

E assim se estabeleceu em Coimbra um hospital³ que, nos documentos, conforme as épocas, aparece designado por diversos nomes — *Hospital Novo, Hospital Real, Hospital de D. Manuel, Hospital de El-Rei, Hospital Público, Hospital Geral, Hospital da Praça* e talvez ainda por *Hospital de Nossa Senhora da Conceição* ou simplesmente *Hospital da Conceição*³.

Veio a ser extinto nos fins do século XVIII, quando os doentes passaram para o Bairro Alto, indo ocupar uma parte do grande Colégio então vago por terem sido expulsos os Jesuítas, como tudo adiante se dirá.

*

Os hospitais, que anteriormente havia em Coimbra, eram muitos, dispersos pela Cidade, uns catorze segundo Martins de Carvalho, sem contar o de S. Lázaro, de que em breve nos iremos ocupar⁴.

Vinham a ser:

O hospital ou asilo de Santa Isabel de Hungria, fundado pela Rainha Santa, junto aos seus Paços de Santa Clara.

O hospital de Nossa Senhora da Vitória, ao cimo da rua do Corpo de Deus.

O hospital dos Mirileus, defronte da porta principal da igreja de S. Pedro, junto do Paço das Alcáçovas.

A confraria e hospital de S. Lourenço, próximo da Capela do Senhor do Arnado.

O hospital de S. Marcos, ao cimo do bêco de S. Marcos.

A confraria e hospital de Santa Maria de S. Bartolomeu, na freguesia de S. Bartolomeu.

O hospital de Montarroio, estabelecido pelos cónegos de Santa Cruz.

A albergaria de S. Gião, na rua de S. Gião, que depois se chamou do Hospital e hoje se chama das Azeiteiras.

O hospital de S. Nicolau.

A confraria e hospital de Santa Maria da Graça.

A confraria de Santa Maria da Vera Cruz, próximo da igreja de S. João.

O hospital ou albergaria de S. Cristovam.

A albergaria da Mercê.

E a de Santa Luzia.

Alguns eram antiqüíssimos, como o de *S. Nicolau*, sustentado por uma Confraria cujo compromisso tinha a data de 1144, o de *S. Marcos* que parece datar de 1290⁵, o de *Santa Isabel de Hungria* que já estava concluído em 1329⁶.

As investigações a que procedeu o Dr. António de Vasconcelos permitiram desenhar um mapa onde figura, junto do velho mosteiro de Santa Clara e do paço real que ficava

¹ *Regimento, loc. cit.*, pág. 185.

² *Idem, idem, loc. cit.*, pág. 195 e 196.

³ COSTA SIMÕES, *Noticia historica dos Hospitales da Universidade de Coimbra*. — Coimbra 1882, pág. 16.

⁴ *Os Hospitais de Coimbra*, folhetim de *O Conimbricense* n.º 2027, de 26 de Dezembro de 1866; n.º 2028, de 29 de Dezembro; n.º 2029, de 2 de Janeiro de 1867; n.º 2030, de 5 de Janeiro; n.º 2031, de 8 de Janeiro e n.º 2032, de 12 de Janeiro.

⁵ COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 19.

⁶ Folhetim de *O Conimbricense*, de 26 de Dezembro de 1866, n.º 2027.

próximo, a capela de Santa Isabel de Hungria ladeada pelos dois corpos do hospício ou asilo para homens e mulheres, como se pode ver numa estampa do livro *Inês de Castro* ¹.

Vem a ser éste, portanto, o único destes velhos hospitais que se sabe hoje ao certo onde teria sido.

Todos êles eram porém muito pequenos, acomodando poucos doentes.

Assim o *hospital da Nossa Senhora da Vitória*, fundado por Ana Afonso, viúva de Gonçalo Gonçalves e de Nicolau Rodrigues, só tinha quatro leitos para outros tantos pobres ²; o *hospital de S. Marcos* tinha cinco quartos cada um com sua cama ³; o de *Santa Maria de S. Bartolomeu*, estabelecido numas casas doadas por Constância Anes, mulher de Afonso Anes, almoxarife da Cidade, tinha também só quatro camas etc. ⁴.

Até o *hospital dos Mirileus*, hospital do Estado, com os seus administradores de nomeação régia, era miserável, pois apenas *constava de duas casas terreas, uma de sobrado com quintal. Em uma das casas havia três camas com divisões de taboado para os pobres dormirem* ⁵.

Em hospitais assim a assistência aos doentes não podia ser grande coisa.

De mais a mais nem sempre eram bem administrados.

Havia desmandos notórios de que chegou notícia a El-Rei.

E D. Manuel mandou a Coimbra, em 1504, o desembargador Diogo Pires para fazer o tombo dos bens de todos os hospitais, capelas, albergarias, confrarias e gafarias, por lhe constar que êsses bens eram *deminuydos E... alheados pollos ministradores e prouedores dos ditos ospitaaes, Capellas, Gafarias...* ⁶.

Curiosas coisas deveria ter visto o desembargador, pois que D. Manuel se resolveu a *prouer E hordenar allguñas outras cousas a allem das comtheudas nos compromissos antigos das albergarias comfrarias e o outras feestas semelhantes Em as quaaes se faziam muitas despesas demasiadas assy em gantares como em beberetes no que se despendya a mayor parte das rrendas que rrendiam as ditas comfrarias*, mandando assim que *daquy em diamte nas ditas comfrarias se nam façam gemtares nem beberetes allguñs nem se matem vaquas porcos nem carneiros nem se deem ygoarias a pessoa allguña Sallvo por dja da feesta cuja for a comfraria* ⁷.

E por fim, para acabar de vez com tôda esta desordem, resolveu D. Manuel, como já sabemos, reunir num só todos os hospitais existentes em Coimbra, menos o dos *Mirileus*, que só veio a ser extinto por D. João III ⁸, e o de *S. Lázaro*, que continuou independente até ao século passado.

Compraram-se umas casas na praça de S. Bartolomeu e deu-se comêço à obra.

*

Não era sumptuoso êsse *hospital novo*, fundado por D. Manuel.

Enfermarias tinha duas, uma para manter e curar 12 homens e outra 5 mulheres, destinadas aos que adoecessem na Cidade ou até 8 léguas em redor, e ainda para os que viessem doentes do mar, embora de mais longe que as ditas 8 léguas ⁹.

Tinha além disso uma *casa ordenada, pera serem Reçebidos e aguassalhados os pedimtes*

¹ ANTÓNIO DE VASCONCELOS, *Inês de Castro*. — Porto 1928, pág. 2.

² Folhetim de *O Conimbricense*, de 26 de Dezembro de 1866, n.º 2027.

³ PEREIRA COUTINHO, *Memoria historica... com o tituo de Apontamentos para a historia dos Hospitaaes da Universidade de Coimbra extrahidos dos documentos que actualmente se encontram no Archivo dos mesmos Hospitaaes*, publicada na *Noticia historica* de COSTA SIMÕES, pág. 157 e seg.

⁴ PEREIRA COUTINHO, *loc. cit.*, pág. 160.

⁵ *Idem, ibid.*, pág. 163.

⁶ Documento do *Tombo velho do hospital*, copiado por PEREIRA COUTINHO e publicado na *Noticia historica* de COSTA SIMÕES, pág. 179.

⁷ *Idem, ibid.*, pág. 180.

⁸ Folhetim de *O Conimbricense* de 29 de Dezembro de 1866, n.º 2028.

⁹ *Regimento, loc. cit.*, pág. 191.

amdamtes... p^r hum dia e hũa noyte, e casas da ospedarya... pera nellas se agassalharem allgũas pessoas de bem... que nelle quizerem pousar de passada. E assy Religiosos e molheres honrradas e algũs estrangeiros que de caminho passarem ¹.

Além disso, mais tarde, por carta datada de 22 de Julho de 1548, determinou D. João III que os colegiais da Congregação de S. João Evangelista, mandados para os estudos na Universidade, se podessem recolher no Hospital.

Mas, porque lá não havia as acomodações precisas, compraram os frades loios umas casas próximas, na rua que descia da Praça para o Mondego, onde os colegiais habitaram emquanto a Congregação não construiu edificio próprio em Coimbra ².

Para tratar os doentes, o pessoal era deminuto. Havia um *fisico sallaryado a custa do dito esp^rtall* que era obrigado a *veer curar e vesytar todollos doentes e emfermos que no esp^rtall ouuer de todas, e quaees q^r emfermidades q^ã forem Duas vezes ao dia. s. hũa pella manhaã e out^a anoite* ³.

Havia também um *sollorgiaão que sempre sera neçesario pera alguũas curas De sollorgia. que avera no esp^rtall* ⁴.

Mas não havia boticário nem botica e, por isso, recomendava o *Regimento* que o *prouedor se comçertara. com o melhor boticairo desa çidade pera dar todas as mezinhas neçesareas p^a o esp^rtall. pollos melhores e mais proveitosos preços q^ã elle poder* ⁵.

No entanto foi neste pequeno hospital que, desde a transferência definitiva da Universidade para Coimbra em 1537 até à reforma de Pombal, se realizou pior ou melhor a prática do ensino médico.

Prescreviam, com efeito, os *Estatutos filipinos* a êste propósito:

26. *Os lentes de prima, & vespera, & Auicenna, ã medicina, serão obrigados a visitar o hospital ás terças do anno, conuem a saber, o lente de Auicenna visitará a primeira terça, visto como nella ha poucos doêtes, na segunda terça visitará o lente de prima, & na deradeira o de vespera, & auerão os lentes de prima & vespera & Auicenna pello seu trabalho doze mil rs cada hum.*

27. *Esta visitação do hospital farão os ditos lentes das sete & mea pella menhãa ate as outo & mea no inuerno, & ás seis & mea no verão & durará a visitação hũa hora inteira, visitando todos os doentes com os estudantes que sam obrigados a continuar na pratica: & vistos os doêtes, irseha o lente com todos os estudantes a hũa casa que pera isso auerá no dito hospital, & receitará todas as mézinhas que forem necessarias para os doentes, declarando a causa porque se lhe applicão & a infirmitade que he, & o modo de que se cura: & acabada a dita pratica irão ouvir a lição de prima* ⁶.

E o Cardeal Infante, numa carta dirigida ao Provedor em 2 de Janeiro de 1568, ordenou que *p^a melhor exercyo e pratica dos estudãtes medicos se arranjasse dent^o no dito hospytal hua casa separada. e fechada. ã que se faça a dita pratica. com m^{ta} quietaçã* ⁷.

Os mestres, no entanto, parece que nem sempre eram assíduos, pois que no *Traslado do Aluará de S. Mag.^{de} e Capitollos nelle incertos q^ã resultarão da Vezita q^ã fez no Hospital Real desta Cidade de Coimbra, o Illm^o S.^r Nuno da Silva Telles do Conselho do d^o Senhor e seo Sumilher da Cortina, Deputado da Meza de Consc.^a e Ordens, e do Sancto Off.^o Conego na See de Evora, Reytor desta Un.^{de} de Coimbra, se lê o seguinte, entre muitas outras coisas curiosas:*

12. *Por constar, q^ã as certidões, q^ã os Prouedores passão aos Lentes, q^ã por obrigação das*

¹ *Regimento, loc. cit.*, pág. 192 e 193.

² PEREIRA COUTINHO, *loc. cit.*, pág. 168. — Folhetim de *O Conimbricense* de 29 de Dezembro de 1866, n.º 2028 — COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 194.

³ *Regimento, loc. cit.*, pág. 193 e 194.

⁴ *Idem, ibid.*, pág. 194.

⁵ *Idem, ibid.*, pág. 194.

⁶ *Estatutos da Vniuersidade de Coimbra confirmados por el-Rei Dom Phelippe primeiro deste nome, nosso senhor; em o anno de 1591.* — Coimbra M.D.XCIII.

⁷ Documento do *Registo das Ord. do Hosp. de N. S. da Conc.*, Fol. 37 do ead. 2.º do liv. n.º 57, copiado por PEREIRA COUTINHO e publicado na *Noticia historica...* de COSTA SIMÕES, pág. 225 e 226.

suas Cad.^{ras} deuem ir praticar ao Hospital nas terças q̄. lhe tocão, não são com toda a verdade: mando, q̄ o Prouedor passe as d.^{as} certidões com toda a verdade na forma q̄ os Estatutos da Un.^{de} e Provisões q̄ ha sobre esta materia o dispoem, e aponte as faltas dos Lentes na forma q̄ manda o Estatuto por ser m.^{to} importante e assistencia, e practica dos Lentes no Hospital¹.

Diz Costa Simões, a pág. 17 da sua *Noticia historica dos Hospitaes da Universidade de Coimbra*, não ter encontrado documento algum provando ser o edificio, situado na Praça de S. Bartolomeu, à esquina da rua das Azeiteiras, onde os doentes se encontravam à data da sua transferência para a Alta, a primitiva edificação de D. Manuel, juntando porém não ser provavel que, durante os 275 annos decorridos depois d'aquella fundação de D. Manuel, se construísse outro edificio sem que ficasse, nos archivos dos hospitaes, o menor vestigio desse facto.

Ora, na Praça Velha, ainda hoje lá está, triste e decrépito, injuriado pelos homens que há mais de um século o vêm occupando para a sua habitação ou o seu negócio, o tal edificio onde os doentes se encontravam em 1779 e que foi vendido pouco depois, em 1790².

E ainda por lá se encontram, no meio de acrescetos ou modificações ultteriores, restos duma vasta construção manuelina, o que me faz supor, com fundamentada razão, ter sido aí, nesse local, a primitiva edificação do tempo do Rei Venturoso.

É certo que, na frontaria do lado da Praça Velha, tôda pintalgada de côres ferozes ao gôsto dos comerciantes que por lá têm seus negócios, já se não vê, como noutras eras, a esfera armilar, emprêsa do fundador³.

Há apenas um renque de varandas do século xvii — época em que parece terem sido feitas grandes obras no Hospital — uma das quais tem hoje a cantaria sumptuosamente pintada a fingir mármore.

E por cima, à esquerda, na parte mais elevada do edificio, mal se descortinam, no meio da parede, umas velhas janelas entaipadas de que apenas se advinha a forma.

Do lado da rua das Azeiteiras há coisas mais interessantes.

No meio de várias janelas, dispersas com pouca ordem pela parede, vêem-se duas ou três e umas portas enterradas no solo com uma forma geral e um corte da cantaria que mostram ser obra do século xvi.

E, à esquina, junto do beiral, há uma gárgula com um animal acororado, bem no gôsto das construções da época.

No meio do edificio deveria ter havido um claustro de que se podem ver ainda algumas das arcadas do pavimento inferior debaixo dum grande telheiro, de construção moderna, que transformou o pátio num armazém de papel.

Existem dois lanços com quatro arcos cada um, sustentados por colunas, em parte enterradas no solo, que se dum lado mostram já as formas clássicas da ordem toscana, do outro têm bem o aspecto típico das obras manuelinas.

Dominando o telhado do armazém, podem ver-se ainda restos de mais duas galerias sobrepostas, bastante semelhantes, pela graciosa proporção das finas colunas e outras particulares, às de alguns claustros conimbricenses do século xvi.

Mas tudo isto está arruinado o velho, mascarado aqui ou ali por construções feitas mais tarde para um melhor aproveitamento das casas.

E até, para defesa contra os gatos vadios, a galeria do meio foi ultrajada por uma mesquinha rêde de capoeira.

¹ Documento do *Registo das Ord. do Hosp. de N. S. da Conc*, Fol. 2 e seg. do cad. 4.º do liv. n.º 57 copiado por PEREIRA COUTINHO e publicado na *Noticia historica...* de COSTA SIMÕES, pág. 230 e seg.

² COSTA SIMÕES, *Noticia historica...* pág. 17.

³ SIMÕES DE CASTRO, *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores.* — s. d. pág. 17.

Para esta galeria, junto dum contraforte de talho manuelino, abre uma porta com as cantarias lavradas no gôsto do século XVII, que tem escrito na verga:

HÆC EST DOMVS DEI ET PORTA CÆLI 1626

Deve dizer-se que a data aberta na pedra se encontra mascarada por estes dizeres pintados a tinta preta:

ANNO DE 1748

Mas é evidente, dada a linha geral da porta e o tipo da decoração, que se não pode tratar duma obra do século XVIII.

Passa-se por esta porta para uma vasta e interessante sala, coberta por uma linda abóbada artesonada, cujas nervuras se apoiam em mísulas decoradas, bem como os bocêtes, com fôlhas de plantas indígenas, interpretadas como era uso dos canteiros góticos ou manuelinos.

Forram as paredes azulejos azuis e brancos, do século XVII, dispostos de modo a formar vários desenhos, entre os quais sobressai a cruz que se vê num dos topos.

Devemos estar, sem dúvida, numa antiga capela.

Mas, por uma cruel ironia do destino, esta abóbada, debaixo da qual certamente se fêz a encomendação dos mortos do hospital, debaixo da qual certamente os doentes, à missa, devotamente pediram melhoras a Deus, abriga hoje tôscas prateleiras onde se acumulam ampolas de *neo-salvarsan* e outros produtos que competem a um bem fornecido armazém de drogas.

II

O HOSPITAL DA COURAÇA DOS APÓSTOLOS

Tinham os Jesuítas em Coimbra um Colégio, começado a edificar depois da entrada na Cidade, no mês de Junho de 1542, do padre Simão Rodrigues e dos seus onze companheiros, que era o mais vasto e majestoso da Companhia de Portugal¹.

Como alguns anos mais tarde, em 1555, lhes fôsse entregue também o *Colégio das Artes*, que D. João III fundara, em 1547, para acomodar as chamadas *Escolas Menores*², os padres ligaram os dois edifícios, que eram próximos, com uns muros e estabeleceram entre êles comunicações que, como virá a dizer o Marquês de Pombal, *dolozamente se fizeram para se affectar a apparente união de hum com o outro*³.

Uma estampa antiga, de que desconheço a origem, pois nunca vi senão uma má reprodução, mostra bem o aspecto que teriam ao tempo os edifícios dêstes dois Colégios, que muito nos interessam, porque em parte de um dêles se instalaram os doentes quando, na segunda metade do século XVIII, saíram da Praça Velha, e no outro, mais tarde, já em meados do século passado, veio, depois de vários sucessos, a estabelecer-se difinitivamente o Hospital⁴.

¹ SIMÕES DE CASTRO, *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores*. — Coimbra s. d., pág. 89. —

² TEIXEIRA BASTOS, *Autonomia Universitaria*. — Coimbra 1920, pág. 15. —

³ Documento n.º 7 adiante transcrito.

⁴ Encontra-se esta estampa reproduzida num livro truncado existente em Lisboa, no *Museu das Congre-*

Como mostra a estampa, era de facto majestoso o conjunto das edificações, pelo menos no que diz respeito ao tamanho, porque como arquitectura, excluindo, por ventura, a igreja do Colégio dos Jesuítas, a actual Sé de Coimbra, grandiosa e fria, tudo o resto era, ao que parece, bem pouco interessante.

Uma série de pequenas janelas de cantarias lisas, de onde a onde, quebrando a monotonia do beiral, uns pequenos frontões com o IHS e a cruz, tal era o triste aspecto tanto do Colégio das Artes como do dos Jesuítas.

No meu tempo de estudante uma boa parte do actual hospital ainda assim era.

Mas, com o andar dos tempos, tudo se tem ido modificando, por forma que do antigo já pouco ou nada resta.

O último frontão, apeado há poucos anos, quando se fizeram umas obras junto ao Arco do Bispo, para ampliação do Museu de Zoologia, está hoje à entrada do Museu Machado de Castro, à esquerda da porta principal.

*

Expulsos os Jesuítas do reino em 1759, ficou vago o grande Colégio que êles tinham em Coimbra.

A igreja, por provisão do Marquês *expedida em 14 de Outubro de 1772*, foi cedida no *Real Nome de sua Magestade... para nella se estabelecer a Cathedral de Coimbra*¹.

E o resto, tiradas as proporções tidas como indispensáveis à Sé, foi incorporado no perpétuo domínio da Universidade por provisão de 16 do mesmo mês de Outubro.

Recebera, com efeito, o Marquês uma carta, firmada pela real mão de Sua Magestade, onde se lia o seguinte:

Honrado Marquez de Pombal, do Meu Conselho de Estado, e Meu Lugar-Tenente na nova Fundação da Universidade de Coimbra, Amigo. Eu El-Rei Vos envio muito saudar, como aquelle que prézo.

Achando-se vago, e incorporado na Minha Real Corôa o Edificio, que servio de Collegio aos Proscriptos Jesuitas: E tendo prestado o Meu Regio Assenso para que o Vigario Capitular desse Bispado, de acordo comvosco, fizesse applicação da Sumptuosa Igreja delle, e de tudo o mais que necessario fosse, em beneficio da Sé Cathedral, que para Ella deve ser transferida: Tendo consideração a que o Amplissimo resto daquelle vastissimo Edificio, antes fundado para

gações Religiosas, instalado no antigo Convento do Quelhas. Trata-se duma obra moderna, de aspecto gráfico semelhante ao dos livros de missa, impressa em Bruges por Desclée, De Brouwer & C.^{ia}.

É uma *Histoire illustrée de S. Ignace*, de que não sei o autor, nem o ano da publicação, porque lhe falta o frontespício.

A estampa figura a pág. 354, com a seguinte legenda: *Le Collège de Coimbra ouvert en 1542. La première pierre du nouvel édifice, construit aux frais de Jean III, roi du Portugal, fut solennellement posée le 14 avril 1547 (D'après une ancienne gravure.)*

Fica-se portanto sem saber qual a procedência do original.

Borges Grainha, quando Director do Museu, mandou fazer cópias da gravura que distribuiu por pessoas amigas.

Está uma no Museu Machado de Castro, oferecida, creio eu, pelo Dr. Simões de Castro.

É curioso notar que na frontaria da igreja dos Jesuítas, hoje Sé Cathedral de Coimbra, se vê, por cima da porta principal, uma grande pedra, tendo esculpido o emblema da Companhia, que desapareceu quando, no século XVIII, se rasgou a ampla janela que agora lá está.

Conta-se a este propósito uma história curiosa.

Por ocasião da vinda do Marquês de Pombal a Coimbra, houve um solene Te-Deum na Sé já instalada na igreja dos Jesuítas.

Alguém teria então perguntado ao Lugar-Tenente de El-Rei que tal achava a igreja.

— Há pouca luz, — disse o Marquês, que, mandando rasgar a janela, arranjou assim um pretexto airoso de fazer desaparecer da fachada do templo a marca dos nefandos Jesuítas.

¹ Catálogo adiante transcrito da *Colecção de Provisões* contida num livro pertencente ao Museu Machado de Castro e que se encontra depositado na Biblioteca da Universidade.

a ruina da Cidade, dos Estudos, e do Reyno, se pode converter em beneficio publico: dividindo-se, e applicando-se utilmente: Hey por bem que, mandando tirar o Plano do dito Edificio, façais a Vosso arbitrio as Divisoens, e applicaçoes, que mais uteis Vos parecêrem: Ou seja em beneficio da Universidade; ou da Cidade; ou das Provincias deste Reyno... Para os sobreditos Fins Hey por bem conceder-vos as mesmas facultades, com que Fuy servido authorizar-vos para o Establecimento... dos novos Estudos, que nessa Universidade mandei fundar pela Minha Carta de vinte e oito de Agosto proximo passado: E das quaes Vós tendes feito athé o presente, e fareis daqui em diante o bom uzo, que, as longas experiencias da Vossa Prudencia; do Vosso Zelo, e Prestimo; e do Vosso Amor ao Meu Real Serviço me fazem esperar. Escripta no Palacio de Mafra em Onze de Outubro de Mil sete centos setenta e dous¹.

Por isso, em Observancia das Reaes Ordens contheudas na sobredita Carta e na de Vinte e oito de Agosto proximo preterito, a que Ella se acha referida — diz o Marquês na já citada Provisão de 16 de Outubro — Usando dos Plenos Podêres que huma e outra Carta me confêrem: Hey por Serviço do dito Senhor unir e incorporar no Perpetuo Dominio da mesma Universidade as Porçoens do Edificio vago para o Fisco, e Camara Real, que antes se chamou Collegio dos Jesuitas; descritas na Carta Topographica, por Mim assignada, que com Esta será; para a Ellas se transferirem, e nellas se estabelecerem: Primò; o Hospital publico desta Cidade, que deve no mesmo tempo constituir a mais util Aula da Faculdade de Medicina; Segundò; o Dispensatorio Pharmaceutico, em que se devem preparar os Remedios, e exercitar os Estudantes Medicos... Quarto o Theatro Anatomico: Quinto a Salla para as Operaçoens Chirurgicas: Sexto, a Convalescença dos Enfermos em Lugar Superior... Separando-se as sobreditas Porçoens das que já foram applicadas ao Establecimento da Sé Episcopal... E sendo logo entregues à Pessoa, que para se investir na Posse e Perpetuo Dominio dellas, em nome da Universidade, for constituída pelo Conselho Geral de todas as Faculdades...².

E o Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, com os Lentes Decanos das Faculdades, Deputados do Conselho da Fazenda, e Estado da Universidade, constituíram, a 19 do mesmo mês, por parte da mesma Universidade, bastante, e Legitimo Procurador ao Senhor José Joaquim Vieira Godinho, Lente da Cadeira de Direito Patrio; para que possa tomar posse, das Propriedades, e Terrenos, de que o Illustrissimo, e Excellentissimo, Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado, Visitador desta Universidade, Plenipotenciario, e Lugar Tenente de Sua Magestade, na Nova Fundação e Creação della... fez Doação a dita Universidade³.

*

Foi no dia 19 de Outubro dêsse ano de 1772, na presença do Doutor José Gil Tojo Borja e Quinhones, Corregedor com alçada nesta cidade de Coimbra e sua Comarca, do tenente-coronel Guilherme Elsdén, do capitão Izidoro Paulo Pereira, officiaes de Infantaria com exercicio de Engenheiros, e de duas testemunhas, que o Doutor Vieira Godinho tomou posse das porçoens do Edificio vago para o Fisco, e Camera Real que antes se chamou Collegio dos Jesuitas... andando por ellas fechando, e abrindo portas, e fazendo os mais actos possessorios em Direito Requeridos, dizendo em voz intelligivel, que tomava posse daquelle Edificio... a qual posse tomou mança e pacificamente sem duvida, ou contradicção de pessoa alguma⁴.

No entanto a mudança dos doentes para êste novo Hospital, cuja administração fôra entregue à Universidade pelas provisões do Marquês de Pombal datadas de 21 de Outubro de 1772 e de 15, 16 e 19 de Abril de 1774, só se fêz em 1779, depois de realizadas as obras indispensáveis, que, como se vê, levaram 6 anos⁵.

¹ Documento n.º 2 adiante transcrito na íntegra.

² *Idem, ibid.*

³ Documento n.º 4 adiante transcrito na íntegra.

⁴ Documento n.º 5 adiante transcrito na íntegra.

⁵ COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 51.

Chamou-se *Hospital da Conceição*, nome que também talvez já fôsse dado ao velho hospital da Praça de S. Bartolomeu ¹.

A entrada era pelo lado da Couraça dos Apóstolos.

Foi numa sexta-feira, 19 de Março, pelas duas horas da tarde, que da Praça de S. Bartolomeu partiu a solene procissão em que se incorporaram, a convite do Bispo Reformador Reitor da Universidade, os Lentes e os Doutores com as insígnias das suas Faculdades, os estudantes, os colegiais, as comunidades e mais pessoas privilegiadas do Corpo Académico, a acompanhar o Santíssimo Sacramento, levado debaixo do pálio, na trasladação que então se fazia da Capela do antigo Hospital para a do novo, pelo Vice-Reitor, D. Carlos Maria Pimentel ².

E nesse mesmo dia se transportaram também os doentes ³.

*

Está hoje depositado na Biblioteca da Universidade, por deliberação do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, um livro sumptuosamente encadernado, pertencente ao Museu Machado de Castro, onde se encontram, junto dumas provisões do Marquês de Pombal referentes ao destino a dar a diversos edificios, algumas plantas que muito nos interessam.

É mesmo dêsse livro que foram copiadas as passagens, aqui transcritas, de diversos documentos sôbre a entrega à Universidade duma parte do Colégio dos Jesuítas.

Mostra uma dessas cartas topográficas, como lá se diz, a maneira de adaptar um dos andares do tal Colégio a Hospital, a Dispensatório Farmacêutico e a Teatro Anatômico.

Trata-se do rés-do-chão do edificio para o lado do Largo que agora se chama do Marquês de Pombal rés-do-chão actualmente occupado por alguns laboratórios da Faculdade de Medicina.

Na Biblioteca existia porém já, guardada numa pasta junto com outros desenhos, uma planta idêntica — há apenas umas ligeiras diferenças nas legendas, que, no livro do Museu, estão mal escritas, com erros grosseiros de ortografia.

Por isso se reproduz adiante a que já era da Biblioteca.

Comparando esta planta com uma outra, publicada na *Noticia historica* de Costa Simões, representando êste mesmo Hospital da Couraça tal como se encontrava quando os doentes de lá saíram, notam-se algumas diferenças.

Atenda-se especialmente à largura dos corredores, marcados nesta segunda planta com o número 26, e à disposição e dimensões das salas próximas.

Atenda-se mais a que faltam, junto do corredor 7 e da sala 23 da segunda planta, as pequenas celas representadas na outra, etc.

Ou se fêz, logo de entrada, coisa diversa do que se tinha projectado, ou, em arranjos ulteriores, se alterou a disposição primitiva das casas.

Julgo a primeira hipótese mais provável, porque parece ter havido hesitações quando se tratou de adaptar o Colégio dos Jesuítas a Hospital.

Existe, com efeito, na Biblioteca da Universidade, numa fôlha aguarelada, um outro projecto, talvez mais sumptuoso, mas que não deve ter tido mesmo comêço de execução.

Não se encontra hoje, com efeito, qualquer vestígio nem da *Escada Nova* marcada nessa planta, nem do *Teatro Anatomico* que lá figura também com a forma oval que estas salas mostram ordinariamente nas estampas, letras ornadas ou portadas de livros antigos, representando lições de anatomia etc.

É certo que, depois de mudado o Hospital para outro sítio, se fizeram, em diversas

¹ COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 16, nota 1.

² *Idem, ibid.*, pág. 74, nota 2. Folhetim de *O Conimbricense*, de 5 de Janeiro de 1867, n.º 2030.

³ *Idem, ibid.*, pág. 74, nota 1.

épocas, para a instalação dos laboratórios e museus da Faculdade, obras importantes que mais ou menos modificaram a disposição interior do edificio.

Mas no local, designado na planta para o tal Teatro Anatómico, existem hoje uns claustros, uns pequenos compartimentos e uns corredores fechados por grossas paredes e cobertos de abóbadas de construção antiga.

Se atendermos agora a que, no projecto em questão, se encontra escrito *Planta do Hospital — Similhante a os tres Planos do Edificio*, parece de admitir que, em vez de estender as enfermarias num só pavimento, se procurava antes distribuí-las pelos três andares que o edificio tem para o lado da Couraça.

Mas, se se tivesse feito isto, as condições gerais do estabelecimento ficavam praticamente as mesmas, porque se conservavam, como se conservaram, os vastos corredores do Colégio, se aproveitavam, como se aproveitaram, as celas para enfermarias e arrecadações, sistema de transformação de *um collegio dos padres da companhia n'um soffrivel hospital*, que Costa Simões, à data em que escreveu a sua *Noticia historica* (1882), ainda julgava aceitável¹.

*

No que afinal se arranjou, as enfermarias compunham-se duma série de quartos com duas camas, comunicando uns com os outros; ao fundo havia um pequeno oratório com umas portas que o fechavam como se fôsse um simples armário.

Cada quarto tinha uma porta para o corredor e uma janela para a rua ou para o pátio.

Nos baixos do edificio, a correr com a Couraça dos Apóstolos, era a casa do banco e a aceitação dos doentes, e, do lado do claustro, acomodavam-se as repartições da cozinha e dispensa.

A farmácia, no mesmo pavimento que as enfermarias, comunicava interiormente com elas².

Ao tempo em que foi levantada a planta publicada no livro de Costa Simões, o Teatro Anatómico occupava já, como hoje, embora se tenha estendido muito para outras salas contíguas, as casas marcadas no desenho com traços pontilhados.

Depois da saída dos doentes, para ir instalando outros serviços, executaram-se, por diversas vezes, obras mais ou menos importantes que fizeram desaparecer quasi por completo a antiga divisão em pequenas celas.

No entanto, a disposição do edificio é, nas suas grandes linhas, ainda hoje a mesma que no tempo dos padres.

Apenas desapareceu afinal uma capela dedicada a S. Francisco de Borja, que fazia saliência para o actual Largo do Marquês de Pombal como se poderá verificar numa planta, indicando a maneira de adaptar o andar nobre do Colégio dos Jesuítas a Gabinetes de História Natural e de Física Experimental, de que há também na Biblioteca dois exemplares, um na tal pasta, outro livro do Museu Machado de Castro.

Foi demolida esta capela, bem como o refeitório e uns passadiços que lhe davam acesso, bem visíveis na estampa antiga do livro do Quelhas, quando, em seguida à reforma da Universidade, se construiu o Laboratório Químico e se reedificou a fachada principal do antigo Colégio dos Jesuítas, obras que têm ambas o cunho severo da grandeza pombalina.

E agora, enquanto os doentes repousam nesta casa da Couraça dos Apóstolos, onde estiveram algumas dezenas de anos, depois duma ligeira referência ao Hospital da Conva-

¹ COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 104.

² *Idem, ibid.*, pág. 105 e segs.

lescença, iremos contar as voltas que deu a velha gafaria de Coimbra, o Hospital chamado de S. Lázaro.

III

O HOSPITAL DA CONVALESCENÇA

Dizer que existiu em Coimbra, noutro tempo, um Hospital da Convalescença é, afinal de contas, um abuso de linguagem, porque nunca houve nada que pròpriamente pudesse merecer tal nome.

Tudo se reduziu ao seguinte.

Havia, no Hospital Real da cidade de Coimbra, duas casas destinadas à convalescença dos enfermos, *as quaes* — conforme escrevia em 1742 o desembargador Lucas de Seabra e Silva, provedor que foi dêsse hospital — *havia muitos annos que não tinham exercicio, porque a tenuidade a que se reduziram as rendas do Hospital apenas era sufficiente para acudir às enfermarias*¹.

Valeram a esta penúria o Doutor Manuel da Gama Lobo, *do Conselho de Sua Magestade, desembargador honorario do Paço, Lente de Prima de Leis duas vezes jubilado, Conego doutoral da Sé d'Evora e Deputado da Inquisição de Coimbra e Collegial que tinha sido do Collegio de S. Pedro*, e mais tarde o Rev.^o Sebastião Antunes, *Doutor em Canones, Arce-diago do Vouga e Conego da Sé d'esta Cidade*².

O primeiro, em seu testamento feito aos sete dias do mês de Agôsto de 1737, deixou *ao Hospital desta Cidade de Coimbra para que do rendimento delle se sustentem os convalescentes do dito Hospital* um conto de réis a cinco por cento que lhe devia seu sobrinho e compadre João de Almeida de Vasconcellos, Capitão Mor da Vila de Abrantes³.

As quantias, que o arcediago Sebastião Antunes deixou, foram mais avultadas.

Primeiro, por uma escritura datada de 12 de Junho de 1742, doou *de esmolla para o Hospital real desta Cidade de hoje para todo sempre para a Convalescença dos enfermos do mesmo Hospital* 3.000 cruzados e mais uns dinheiros que lhe deviam, a êle cónego, várias pessoas⁴.

Depois, no testamento feito em 31 de Julho dêsse mesmo ano de 1742, poucos dias antes de morrer, instituiu o cónego seu *sucessor e universal Erdeiro ao Hospital*, que deveria receber pelo menos 5.000 cruzados, declarando mais o testador ser seu desejo *que se satisfeitas as necessidades da Convalescença, restar algum rendimento disto que deixo ao Hospital, se applicará para as enfermarias delle*⁵.

¹ Notícia escrita e assinada pelo desembargador Lucas de Seabra e Silva, a fol. 2 do livro 69 dos *Titulos e provisões da Convalescença*, publicada por COSTA SIMÕES na *Noticia historica*, págs. 40 e 41, nota.

² *Idem, ibid.*, pág. 40.

³ Testamento com que falleceu o Doutor Manuel da Gama Lobo, Doc. n.º 5, copiado por Pereira Coutinho de fol. 40 do livro 69 dos *Titulos e Provisões de Convalescença* e publicado na *Noticia historica* de COSTA SIMÕES, pág. 205 e segs.

⁴ Escripura de doação feita pelo Arcediago Sebastião Antunes, Doc. n.º 8, copiado por Pereira Coutinho de fol. 70 do livro 69 dos *Titulos e provisões da Convalescença* e publicado na *Noticia historica* de COSTA SIMÕES, pág. 223 e segs.

⁵ Testamento com que falleceu o reverendo Arcediago Sebastião Antunes, Doc. n.º 6, copiado por Pereira Coutinho, de fol. 19 do livro 59 dos *Titulos e provisões da Convalescença* e publicado na *Noticia historica* de COSTA SIMÕES, pág. 210 e segs.

Ora, até 1774 teve êste serviço, embora instalado no mesmo edificio que o Hospital Geral, administração própria e escrituração à parte.

Mas depois, quando a Faculdade tomou conta da administração dos Hospitais, as receitas deixaram de ter applicação privativa¹.

E assim desapareceu de vez o chamado Hospital da Convalescença, que mais tarde, em 1853, se tentou restabelecer sem resultado².

IV

O HOSPITAL DE S. LÁZARO

Deixara D. Sancho I, em seu testamento feito em Outubro de 1209, a quantia de 10.000 morabitinos para que se fizesse uma gafaria em Coimbra, ficando o abade de Alcobaca encarregado da execução desta vontade do rei que, além disso, legava aos leprosos conimbricenses tudo o que no seu espólio se encontrasse.

Caetera omnia de meo reposito dentur leprosis Collimbriae... Praeterea dedi pro anima mea Abbati Alcūp. de arca mea X. morabitinos de quibus faciat unam gafariam in Collimbria assim reza o testamento³.

Durante a idade média, como é sabido, talvez por influênça das cruzadas, por todo o occidente se espalhou a lepra e se multiplicaram os casos doutras doenças impuras, com ella, por vezes, mais ou menos confundidas.

E, embora na nossa terra a doença se não tivesse espalhado tão assustadoramente como noutros países, muitas foram as pessoas tocadas, desde um rei, D. Afonso II, ao mais humilde servo.

Para evitar a propagação do terrível mal, por tôda a parte, cá como lá fora, se tomaram severas medidas, criando-se estabelecimentos próprios para internar os doentes.

Eram as gafarias.

Houve muitas em Portugal.

E a que D. Sancho fundou em Coimbra veio a chamar-se *Hospital de S. Lázaro*, do nome do patrono dos leprosos.

Teve sempre a protecção régia.

Diversos monarcas — principalmente D. Afonso IV, D. Deniz, D. Fernando, D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e D. Manuel — concederam-lhe, com effeito, graças e mercês mais ou menos importantes.⁴

Da leitura duma ordenação que D. Afonso IV fez p^q seiam manteudos os gaffos, as gaffas, e os mceyros saos da gaffaria de Coimbra deve concluir-se que o hospital tinha avultados rendimentos, cobrando rendas e foros de herdades e aldeas no campo de Coimbra e fora dêle, e bem assim de casas, vinhas e olivais, de que o rei, em 1329, mandou fazer o tombo porque, estando êle em Coimbra, *os gaffos e as gaffas e os meçeiros saos hy ffezerom querella q̄ nõ eram bem mantehudos. segũdo as h'rdades e as possissoes e as rendas dellas q̄ a dita gaffaria auya*⁵.

¹ COSTA SIMÕES, *Noticia histórica*, pág. 39.

² *Idem, ibid*, pág. 41.

³ D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA, *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*. Tõmo I, Lisboa Occidental 1739. — Doc. n.º 10, *Testamento del rey D. Sancho I*, pág. 17 e segs.

⁴ Folhetim de *O Conimbricense* ano xx, n.º 2027, de Dezembro de 1866.

⁵ Doc. n.º 14, copiado por PEREIRA COUTINHO e publicado na *Noticia historica*, de COSTA SIMÕES, pág. 238 e segs.

E determinou mais El-Rei, depois de ter fixado as rações e pitanças tanto dos gafos como dos sãos, que da arca, onde se arrecadavam as rendas em dinheiro, houvesse duas chaves, uma na mão do *veedor*, outra na do *escrivão*, e que igualmente tivessem duas chaves as portas do celeiro do pão e da adega do vinho.

*

A vida dos gafos não devia ser de todo má — podiam sair *em romaria ou a villa fazer de vestir ou de calçar ou por outra nessecidade* com licença do *veedor*; tinham o *cortinhal* que está a par da caza... *pera seu folgar* etc.¹.

E não se tratavam mal. *Os Gafos e os ssãaos mamda El-Rey que lhes dem dous porcos por dia de nattal que custem ambos oito liuras. Item mamda que lhes dem hum porco dia de entruydo. Item manda que lhes dem quarenta soldos em dia de cinza pera pescado. Item mamda El-Rey que lhes dem quarenta soldos por dia de lauapees pera pescado. Item mamda que lhes dem dous carneiros em dia de Pascoa. Item os gafos ham dauer as peles e os deumentres e das fressuras dos ditos carneiros. Item ham dauer hum porco por vendima. Item destes quatro porcos os gafos ham dauer as cabeças e os deumentres e as fressuras e o humto delles esto ham os gafos ssem os ssãaos*².

E não era só isto.

Mandava mais El-Rei que se desse aos gafos *por primeiro dia de janeiro dous cantaros de vinho hum frio e outro quente, e huma onssa de pimenta e duas onssas de cominhos, e huma quarta de mel e sinco soldos pera lenha. Item ham de haver por dia Dendoensas hum cantaro de vinho e sinco soldos pera lenha e dous soldos pera especias...* etc.³.

Mas era preciso obedecer aos regulamentos.

Havia multas para quem os não cumprisse — *quando algum gafo ou gafa for a villa sem licença deve pagar cinco soldos aos outros seus companheiros. Item quando nõ for veer o corpo de Ds quando disserem a missa cinco soldos...* Item se amdar *descalço* pella quinta cinco soldos. Item e se algum gafo chegar ao poço pague cinco soldos... etc.⁴.

*

Não se sabe hoje ao certo onde teria sido o primitivo estabelecimento dêste hospital.

Consta apenas que era numa ínsua à direita do Mondego, perto da Igreja de Santa Justa.

Ora, para êsses lados eram as casas marcadas numa planta representando o Hospital de S. Lázaro em 1809, que encontrei na Biblioteca da Universidade.

Foi mesmo aí que os doentes estiveram até 1836.

Teria sido nêsse local a antiga gafaria de D. Sancho?

É provável que sim, visto não haver noticia de qualquer mudança e não se encontrar, por aquelas redondezas, vestígios de outro edificio de construção antiga.

Mas nada se pode dizer ao certo.

Seja como fôr, ainda hoje existem, na azinhaga chamada dos Lázaros, umas velhas casas em ruínas, correspondendo exactamente ao indicado na planta feita no comêço do século passado.

Não tem grande interêsse.

O hospital, que era vasto, não deveria ter tido sumptuoso aspecto.

¹ Doc. n.º 14, copiado por Pereira Coutinho e publicado na *Noticia historica*, de COSTA SIMÕES, pág. 240 e 241.

² *Idem, ibid.*, pág. 242.

³ *Idem, ibid.*, pág. 240.

⁴ *Idem, ibid.*, pág. 241.

Entra-se para o pátio por um portão manuelino, onde se vêem as armas do reino no meio de duas esferas armilares.

Lá dentro, o que mais chama a atenção é o nartex da capela marcada na planta.

Vive lá debaixo uma gentinha, porque, com umas vidraças, umas tábuas e uns pedaços de parede, se vedaram os espaços entre as colunas que já são no gôsto clássico da renascença.

Da capela pouco existe.

Foi cortada quando se construíram umas casas novas, com frente para a rua que passa acima.

Deveria ter sido coberta com uma abóbada de que mal se advinham as nervuras, porque tudo está preto de fumo e a luz é pouca.

O resto das casas, em torno do pátio, nada tem de notável.

Mostram umas frontarias corridas com umas janelas de cantarias lisas.

E, por dentro, nada há também que mereça apontado.

Está tudo em ruínas — soalhos esburacados, tetos a cair, escadas com degraus oscilantes, paredes desaprumadas e rachadas.

E vive gente naquele desaninho...

*

Êste hospital deve ter gosado até 1774 duma completa autonomia.

A princípio era administrado pelos próprios Lázaros que, para êsse efeito, nomeavam uma junta ou cabido.

Depois passou a ter um provedor¹.

Mas sempre, ao que parece, sem estar subordinado a qualquer autoridade local².

Nêsse ano de 1774, porém, tudo mudou.

Para dar cumprimento a um decreto de El-Rei D. José, datado de 15 de Abril, e a uma provisão do Marquês de Pombal, de 19 do mesmo mês, foi, com efeito, entregue à Universidade a administração do Hospital de S. Lázaro que, de então em diante, ficou sujeito aos mesmos regulamentos que o Hospital da Conceição³.

E mais tarde, em 1836, como se encontrassem vagos os numerosos colégios, mantidos em Coimbra pelas ordens religiosas que, pouco tempo antes, haviam sido extintas, foram os Lázaros transferidos, em 5 de Dezembro, do local insalubre, onde se encontravam, para um deles, o de S. José dos Marianos⁴, edificio bem situado, outrora pertencente aos Carmelitas Descalços, de que o Bispo D. Afonso de Castelo Branco lançara a primeira pedra em 11 de Outubro de 1606⁵.

Ê onde hoje está o Hospital Militar.

Mas os Lázaros não ficaram lá muito tempo, porque um decreto, datado de 21 de Junho de 1851, mandou prontamente mudar os doentes para o Colégio de S. Jerónimo, fundado por frei Brás de Barros em 1550⁶, onde ainda menos se demoraram, visto terem passado logo em 10 de Dezembro de 1853 para o Colégio dos Militares, quando o outro foi destinado para ampliação do Hospital Geral, ao tempo já instalado numa parte do Colégio das Artes, como tudo em breve se verá⁷.

E aí ficaram os Lázaros nesse casarão imundo que tem servido até hoje para a hospitalisação dos infecto-contagiosos e dos incuráveis.

¹ Folhetim de *O Conimbricense*, ano xx, n.º 2027 de 26 de Dezembro de 1866.

² COSTA SIMÕES, *Notícia historica*, pág. 10.

³ *Idem, ibid.*, pág. 10.

⁴ *Idem, ibid.*, pág. 56.

⁵ SIMÕES DE CASTRO, *Guia historico*, pág. 112.

⁶ *Idem, ibid.*, pág. 103.

⁷ COSTA SIMÕES, *Notícia historica*, pág. 56.